

Deus

e a Noção de Trindade

Uma mente finita
só compreende o
que lhe é revelado.

ESPECIAL

Assembleia Administrativa

Uma ocasião
para festejar e
louvar o Senhor



Capacitando
Mulheres Para
o Ministério

Uma visão atual dos
ministérios da mulher.

30



Qualquer Um
de Nós Poderia
Ser... Barrabás

Barrabás: símbolo do
Homem pecador.

35



Entrevista com
o Pr. Carlos Puyol

CONVOCATÓRIA

De acordo com o ponto 2 do artigo 12º dos Estatutos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, é convocada a **Assembleia Geral Ordinária** desta União, para os dias 25 a 28 de abril de 2012, nas instalações da **Igreja de Lisboa-Central**, sita na Rua Joaquim Bonifácio, 17, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- Receção das Igrejas e Grupos Organizados durante o quinquénio findo
- Aceitação dos membros recomendados, como delegados, pelo Conselho Diretor
- Apresentação dos Relatórios do Presidente, do Secretário e do Tesoureiro

- Designação das Comissões da Assembleia Geral de Comunidades
- Relatórios dos Departamentos e Instituições
- Eleição dos Oficiais, dos Diretores dos Departamentos e do Conselho Diretor para o próximo quinquénio
- Revisão dos Estatutos e apresentação da proposta do Regulamento Interno de Funcionamento da Assembleia Geral da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia
- Análise dos assuntos apresentados pelas Igrejas organizadas
- Relatórios das Comissões
- Outros ✦

• **José Eduardo Teixeira,**
Presidente da UPASD

Março 2012

agenda

UPASD

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

30 de mar. a 1 de abr. – III Encontro do Pessoal Não Docente da Rede Escolar ASD – CAOD – “Celebrar a Missão de Educar” – Convidado: Pr. Daniel Vicente

Iniciativas Regionais

RE Norte – Escolas de Pais do Colégio Adventista de Oliveira do Douro – 18 de março, às 16h00, no Polivalente do CAOD; Tema: “Ambiente, um bem a preservar”; Dinamizadores: Divisão Municipal de Ambiente e Educação Ambiental da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Programa específico para crianças e jovens, em simultâneo.

Visitas às Igrejas

Disponibilidade para visitas nos dias **10 e 17 de março**.

ÁREA DE EVANGELISMO

(Escola Sabatina, Ministério Pessoal e Evangelismo)

Visitas às Igrejas

10-17 mar. – IASD Vila Chã (Semana de Oração JA)

24 mar. – IASD Quarteira

31 mar. – IASD S. João da Ribeira

Projetos Evangelísticos 2012

“Florescer Mirandela” – RE Norte – Continuação do Projeto iniciado em 2010.

Montijo – RE Lisboa e Vale do Tejo
Santarém – RE Lisboa e Vale do Tejo
Vila Real de Santo António – RE Alentejo e Algarve

Projeto “O Grande Conflito”

03 mar. – Sábado Especial: Segundo Sermão; Entrega dos livros aos membros nas igrejas.

Para mais informações visite o *site* do Departamento: www.adventistas.org.pt/evangelismo.

Visite e divulgue o *site* do Instituto Bíblico de Ensino à Distância: www.institutoonline.org.

ÁREA DEPARTAMENTAL DA FAMÍLIA

Departamento de Famílias

Visitas às Igrejas

03 mar. – IASD Atalaia do Campo

10 mar. – IASD Figueira da Foz

Ministérios da Mulher

03 mar. – Dia Internacional da Oração da Mulher

Ministérios da Criança

Visitas às Igrejas

10 mar. – IASD Portalegre

24 mar. – IASD Vila Chã

DEPARTAMENTO DE JOVENS

10-17 mar. – Semana de Oração de Jovens

17 mar. – Dia da Juventude Adventista

Visitas às Igrejas

03 mar. – IASD Almada

10 mar. – IASD Barreiro

17 mar. – IASD Lisboa-Central

DEPARTAMENTO DE MORDOMIA

Visitas às Igrejas

03 mar. – IASD Quarteira – Culto – “Celebrar Cristo na Minha Vida”; Tarde – “Dádivas do Céu”

10 mar. – IASD Coimbra – Culto – “Celebrar o Reavivamento e Reforma”; Tarde – “Mordomia Total”

17 mar. – IASD Beja – Culto – “Celebrar Cristo na Minha Vida”; Tarde – “Dádivas do Céu”

24 mar. – IASD Arcos de Valdevez – Culto – “Celebrar o Reavivamento e Reforma”; Tarde – “Dádivas do Céu”

O “Programa Servo Fiel e Prudente” continuará a ser implementado junto das famílias aderentes ao longo de todo o trimestre. Oramos para uma bênção muito especial da parte de Deus junto de todos aqueles que estão envolvidos neste programa.

DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

Visitas às Igrejas

24 mar. – IASD Caldas da Rainha

DEPARTAMENTO DE SAÚDE E TEMPERANÇA

Visitas às Igrejas

Disponível para visitar alguma igreja que o solicite. Datas disponíveis: **17 de março e 21 de abril**.

Cada Igreja é um Centro para a Saúde da comunidade; cada Membro é um Obreiro promotor de Saúde!

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice



CIÊNCIA E RELIGIÃO

12

Imitando a Natureza

A Natureza surpreende-nos a cada passo. Temos muito a aprender com ela.



ESPÍRITO DE PROFECIA

15

Missionários Para Hoje

A igreja que trabalha sempre será uma igreja em crescimento.



PÁGINA DA CRIANÇA

34

Ajuste de Contas

EDITORIAL

04 "Terreno Sagrado" Exige Humilde Reverência

05 Memo

TEOLOGIA

06 Deus e a Noção de Trindade

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

16 O Remanescente

O termo "remanescente" aparece muitas vezes na literatura Adventista e está intimamente ligado à compreensão que temos de nós mesmos e da nossa missão nestes momentos finais do grande conflito.

18 Notícias Nacionais

- Santana e Figueira da Foz
- Ponta Delgada
- Falecimentos

ENTREVISTA

20 Assembleia Administrativa: Uma Ocasão Para Festejar e Louvar o Senhor

Ao aproximar-se o momento da realização de mais uma sessão da Assembleia Administrativa da nossa União, a Revista Adventista achou por bem dar a palavra ao Pastor Carlos Puyol, homem de fé e de ampla vivência pastoral, administrativa e letiva na Igreja, bem conhecido da Igreja em Portugal.

EDUCAÇÃO

26 Saber Consolidar: A Integração da Fé – Parte II

Uma das tarefas mais importantes num colégio Adventista do Sétimo Dia é a planificação da integração da fé.

MINISTÉRIOS DA MULHER

30 Capacitando Mulheres Para o Ministério

Uma entrevista que revela a importância dos Ministérios da Mulher na obra mundial de Deus.

REFLEXÃO

35 Qualquer um de Nós Poderia Ser... Barrabás

Apesar de ter sido objeto de uma oferta enorme, Barrabás continuou a ser um criminoso.

"Terreno Sagrado" Exige Humilde Reverência

"E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa."¹

*"Então disse o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim."*²

Estes são alguns dos textos bíblicos que apelam à nossa reverência quando pisamos terreno sagrado. O pisar solo sagrado não se aplica apenas a experiências como as que Moisés, Josué e outros personagens bíblicos viveram ao confrontar-se com a presença real de Deus, mas também quando abrimos a Palavra do Senhor em geral, quando refletimos, falamos e escrevemos sobre as verdades nela contidas, mas de uma maneira particular quando abordamos o solene assunto da "Divindade".

Deveria ser com temor e tremor que ousamos falar deste tema tão sublime, porque, mesmo com as melhores intenções, podemos proferir afirmações que desonrem o nome e a obra do excelso Deus e que possam induzir outros a fazê-lo também. Por isso, o profeta Habacuque adverte: "Mas o SENHOR está no Seu santo templo; cale-se diante d'Ele toda a Terra."³ Também o salmista diz: "Não sejam envergonhados por minha causa aqueles que esperam em Ti, ó Senhor, DEUS dos Exércitos; não sejam confundidos por minha causa aqueles que Te buscam, ó Deus de Israel."⁴ Aquele que fala em nome de Deus procura sempre a paz e nunca a confusão. "Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos."⁵

Aconselho vivamente a que se leia, num espírito de oração, o artigo "Deus e a Noção de Trindade" e que, como o Pr. Artur Machado faz referência, se aprofunde o tema com o estudo que está a ser preparado, o qual acreditamos que, no início de abril, estará disponível na página da União. Contudo, gostaria de deixar ficar algumas reflexões/advertências da serva do Senhor, quanto à postura humilde que devemos alimentar quando estudamos a Sagrada Escritura.

"Deus pretende que, mesmo nesta vida, as verdades da Sua Palavra estejam constantemente a ser desvendadas ao Seu povo. Só há um meio de obter esse conhecimento. Só nos é possível chegar a compreender a Palavra de Deus mediante a iluminação do Espírito pelo qual ela foi dada. 'Ninguém sabe

*as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.'*⁶ ... Deus deseja que o homem exercite as suas faculdades de raciocínio; e o estudo da Bíblia fortalecerá e elevará o espírito como nenhum outro. Convém, entretanto, acautelar-nos contra o deificar a razão, a qual está sujeita à fraqueza e enfermidade humanas. Caso não queiramos que as Escrituras se fechem ao nosso entendimento, de modo que as mais claras verdades deixem de ser compreendidas, devemos ter a simplicidade e a fé de uma criancinha, estar dispostos a aprender, buscando o auxílio do Espírito Santo. A noção do poder e da sabedoria de Deus, e da nossa incapacidade para Lhe compreender a grandeza, deve inspirar-nos humildade, e devemos abrir a Sua Palavra com reverência, como se entrássemos na Sua presença, com santo temor. Ao lermos a Bíblia, a razão deve reconhecer uma autoridade superior a si própria, e o coração e a inteligência devem curvar-se perante o grande EU SOU.

Muitas coisas há, aparentemente difíceis ou obscuras, que Deus tornará claras e simples aos que assim procuram compreendê-las. Sem a direção do Espírito Santo, porém, estamos continuamente sujeitos a torcer as Escrituras ou a interpretá-las mal. Muitas vezes a leitura da Bíblia fica sem proveito, e em muitos casos é mesmo nociva. Quando se abre a Palavra de Deus sem reverência nem oração; quando os pensamentos e as afeições não se concentram em Deus, ou não se acham em harmonia com a Sua vontade, a mente fica obscurecida por dúvidas; e o ceticismo se robustece com o próprio estudo da Bíblia. O inimigo se apodera das ideias, e sugere interpretações incorretas. Sempre que os homens não buscam, por palavras e atos, estar em harmonia com Deus, então, por mais preparados que sejam, estão sujeitos a errar na compreensão das Escrituras, e não é seguro confiar nas suas explicações. Os que se voltam às Escrituras para encontrar incoerências, não possuem conhecimento espiritual. Com visão transtornada, encontrarão muitos motivos de dúvida e incredulidade em coisas na verdade claras e simples."⁷

Um outro palco sagrado é, sem dúvida, a reunião do povo de Deus em Assembleia. Estamos também aí a pisar terreno sagrado. Se me permitem recomendar fortemente um outro artigo, pelo momento que iremos viver como Igreja nacional, no próximo mês de abril, aconselho a entrevista com o Pr. Carlos Puyol, "ASSEMBLEIA ADMINISTRATIVA: Uma ocasião para festejar e louvar o Senhor".

Oro ao Senhor para que cada um de nós disponibilize o seu coração para que Deus nele habite, tornando-o verdadeiramente num "terreno sagrado", e para que a presença de Deus seja uma realidade na Assembleia Administrativa que se aproxima. ✨

· José Eduardo Teixeira,
presidente da UPASD

1. Êxodo 3:5 / 2. Josué 5:15 / 3. Habacuque 2:20 / 4. Salmo 69:66
5. 1 Coríntios 14:33 / 6. 1 Cor. 2:10 e 11
7. E. White, O Caminho para a Esperança, P. SerVir, pp. 114 e 115.

Dias Especiais e Ofertas

MARÇO

03	Dia Internacional da Oração da Mulher
10 a 17	Semana de Oração de Jovens
17	Dia da Juventude Adventista/Serviço de Voluntariado – Oferta
18	Escola de Pais do CAOD
25	Convenção de Anciãos – RE Lisboa e Vale do Tejo e RE Alentejo e Algarve
30	(Início) III Encontro do Pessoal Não Docente da Rede Escolar ASD, no CAOD
31	13º Sábado – Divisão Norte da Ásia-Pacífico – Oferta Mundial

ABRIL

01	(Término) III Encontro do Pessoal Não Docente da Rede Escolar ASD, no CAOD
01 e 02	Ação de Formação/Reciclagem – Colportagem
05 a 08	ACRE's – Acampamentos Regionais
07	Oferta única
07	Celebração da Consagração Espiritual dos Jovens (Divisão)
07	Encontro de Colportores (Divisão)
14	Missão Global – oferta mundial
21	Educação Cristã (Divisão) – Oferta única
25 a 28	XVIII Assembleia Administrativa
28	Oferta da Assembleia Administrativa

MARÇO

27/02-02/03 – Seminário de Teologia de Sazava (CSU – União da República Checa e Eslováquia)
 05-09 – União Austríaca
 12-16 – Associação da Boémia (CSU)
 19-23 – Hospital Waldfriede (EUD)
 26-30 – Associação da Baixa Saxónia (NGU – União do Norte da Alemanha)

ABRIL

02-06 União Espanhola (SPU)
 09-13 Associação da Morávia-Silésia (CSU)
 16-20 União do Norte da Alemanha (NGU)
 23-27 União Portuguesa (PU)
 30/04 – 04/05 União do Sul da Alemanha (SGU)



COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Justificação

Quando, pela fé no meu Senhor Jesus,
 Aceito o Seu sacrifício em meu favor,
 E a Sua morte expiatória, na Cruz,
 Sinto que, por mim, Ele sofreu,
 E com o coração contrito e arrependido,
 Confesso humildemente o meu pecado;
 Sei que em meu lugar Ele foi ferido,
 E agora estou justificada!
 Sim, os meus pecados Jesus perdoou;
 E agora está limpo o meu registo;
 Com Ele quero caminhar,
 Tudo devo ao meu Senhor e Cristo!
 E, agora que estou justificada,
 No pecado não quero permanecer,
 Ele será por mim renunciado,
 Como algo odioso e terrível,
 Que mancha a minha vida e o meu ser.
 Depois, algo acontece mui grandioso,
 O meu coração recebe vida, é transformado,
 Nasço de novo, por essa graça imensa
 Que me ajuda a vencer cada pecado!
 Batalho cada dia, cada hora,
 Com Cristo a viver dentro de mim,
 Com Ele estou crucificada,
 Vivo não mais eu, mas Ele, enfim!
 E assim prossigo nesta caminhada,
 De vitória em vitória, com Jesus,
 Até àquele dia em que O verei
 Na glória, e vindo em resplendor;
 Com os salvos então eu morarei,
 Pois com Ele fui vencedora! ✨

Helena Robalo

ANTENA 1

FÉ DOS HOMENS

RTP2

RTP2, a partir das 18h

..... ANTENA 1, a partir das 22h47

- 12/03 (2ª feira) – 1ª parte do programa
- 02/04 (2ª feira) – 1ª parte do programa
- 30/04 (2ª feira) – 1ª parte do programa

RTP2

ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h

ANTENA 1, a partir das 06h

29/04 (domingo)

Envie os seus textos para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas)

Publicadora SerVir, S.A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

Deus e a Noção de Trindade

A questão de Deus representou para a religião e para o conhecimento um desafio ao qual o ser humano tem procurado responder de diversas maneiras. Teólogos e filósofos elaboraram, ao longo do tempo, as mais diversas teorias acerca de Deus. Algumas contribuíram para podermos compreendê-lo melhor, outras afastaram-n’O completamente dos seres

humanos, a tal ponto que teve que se estabelecer a diferença entre o Deus dos filósofos e o Deus da fé.

Mesmo entre aqueles que estudam a Bíblia, há várias ideias e concepções acerca da Divindade: uns adotam um monoteísmo estrito e afirmam que Deus é uno, outros, sem trair a ideia monoteísta da Bíblia, afirmam que Deus é triuno. A questão não é fácil de ser respondida

e, neste estudo, não temos a pretensão de a poder responder na íntegra. O que procuraremos fazer é mostrar evidências bíblicas acerca de Deus. A metodologia que seguimos é simples: começaremos primeiro por ver o que significa o vocábulo “deus”, e o que é que a Bíblia nos revela acerca de Deus. Dá a Bíblia informações acerca da essência de Deus? Em seguida, procuraremos responder à

questão da nossa capacidade para compreender o divino. Podemos nós estudar Deus como estudamos um objeto qualquer? Quais são as limitações do conhecimento humano nesta área? Finalmente, examinaremos as evidências néo-testamentárias acerca de Deus e procuraremos compreendê-las com a revelação vetero-testamentária. Sabemos que, neste pequeno estudo, não nos será possível abarcar todas as questões relacionadas com este tema. A esse propósito um opúsculo está a ser preparado pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, onde serão abordados os diferentes aspetos desta questão. Este estudo constitui uma introdução a essa análise mais ampla. O esquema aqui apresentado deve-se a um estudo preparado pelo pastor Georges Steveny e publicado numa revista *Servir* em 1977. Apenas enriqueci esse estudo com mais alguns elementos que aqui partilho convosco, na esperança de que ele nos ajude a estudar mais profundamente um assunto que diz respeito a todos.

I. Significados do Nome de Deus

a. No Antigo Testamento

O nome “deus” é um nome comum, que é utilizado na Bíblia não apenas para designar no Antigo Testamento o Deus Criador, mas que serve também para designar outras “divindades” adoradas nos povos vizinhos em Israel.¹ No Antigo Testamento, o nome mais comum para Deus é *Elohim*, um plural de *Eloha* que ocorre cerca de 2570 vezes na Bíblia hebraica com vários significados. Por vezes, pode designar os deuses pagãos (Sl. 95:3; 96:5), outras vezes, além de designar o Deus Criador (Gén. 1:1), é o Deus que fala a Abraão (Gén. 17:3) ou a Moisés (Êx. 3:15).

El era o grande deus supremo dos cananeus que também era adorado no conjunto do mundo semítico ocidental sob os nomes de *El Shaday*,

El Elyon, *Shalem* e *Hadad*.² Entre os modos de designar Deus comuns aos semitas estava também o de Baal que significava “O Senhor”, “o dono”. Utilizado por vezes como epíteto e outras como nome próprio, designava principalmente um deus de determinada localidade.³ Algumas vezes, Baal foi utilizado em vez de *Yahweh* (que era o nome sagrado de Deus), sobretudo nos momentos de apostasia (cf. I Rs. 18:21).⁴ Baal acabou por ser ultrapassado por um outro nome, *Adon*, “Senhor”, que não é um nome próprio, mas um epíteto divino e que, sob a forma plural, *Adonay* (literalmente “meus senhores” ou “minha senhoria” no plural intensivo), acabou também por substituir o nome inefável de *Yahweh*.⁵ O medo de profanar o nome santo de *Yahweh* levou os judeus a que, nos últimos séculos antes de Cristo, o substituíssem por outros nomes, tendo-se recorrido aos antigos títulos utilizados na oração. Uma vez que também na versão dos Setenta o nome *Yahweh* tinha sido traduzido pelo grego *Kurios*, “Senhor”, o uso de *Adonay* como substituição de *Yahweh* acabou por se impôr a partir do século I a.C.⁶ É interessante notar que também o nome *Adonim* (plural masculino de *Adon*) serve para designar os deuses pagãos (cf. Is. 26:13).

b. No Novo Testamento

Quanto ao Novo Testamento, a palavra grega para “deus”, *Theos*, era correntemente utilizada para descrever não apenas o verdadeiro Deus, como todas as divindades pagãs. Os gregos utilizavam esse mesmo nome *Theos* para descrever certas pessoas que, segundo eles, eram mais do que seres humanos, objetos impessoais e até conceitos abstratos.⁷

No Novo Testamento, Deus é também chamado “Senhor” ou “o Senhor” (Mt. 1:20, 24; 2:13, 19; Lc. 1:11), embora o grego *Kurios* seja utilizado na sua maioria para Je-

sus (Mc. 11:3; Mt. 21:3; 24:42; Lc. 10:39, 40 e 41; 11:1, 39...). No mundo greco-romano, o vocábulo *Kurios* serviu também para designar o imperador, primeiramente no seu poder político e jurídico e, mais tarde, como divino.⁸

Este resumo sucinto acerca do significado de “Deus” mostra desde já a ambiguidade que este nome sempre teve nas diversas culturas e a capacidade de discernimento que é necessário possuir quando falamos de Deus, a fim de não nos enganarmos no significado que lhe atribuímos.

II. Limitações ao Compreendermos Deus

Conta-se a história que, numa aldeia em que só havia pessoas cegas, um grande rei passou por ali com o seu exército. O rei vinha montado num grande elefante. Os cegos tinham ouvido muitas histórias acerca dos elefantes e estavam curiosos de se aproximarem de um e de poderem tocá-lo para terem a perceção do que era um elefante. Por isso, alguns deles colocaram-se na estrada e pediram ao rei permissão para tocar no elefante. O rei fez com que o elefante se ajoelhasse para os cegos o poderem tocar. Um dos cegos agarrou na tromba do elefante, um outro apalçou as suas patas, um terceiro tocou num dos lados do elefante, enquanto outro tocava numa das orelhas e um quinto cego tentava saltar para o lombo do elefante. Os cegos ficaram deliciados com a experiência. Agradeceram ao rei e regressaram para a aldeia. Os outros cegos, que não tinham podido tocar no elefante, procuraram então saber como era este animal. O primeiro cego, que tocara na tromba, afirmou: “É uma imensa mangueira e ai daquele que seja apalhado por ela.” O segundo cego, que tocara numa das patas, disse: “É um pilar revestido de pele e de pelo.” O terceiro cego, que tocara num dos lados, afirmou: “O elefante é como um muro com pele e pelo.” O cego que tinha tocado na orelha do elefante

disse: “Não é um muro, mas sim uma espécie de tapete fina que se mexe quando lhe tocamos.” Finalmente, o cego que tentara tocar no lombo do elefante disse: “Isso são tudo disparates. O elefante é como uma grande montanha que se move.” Conta a história que aquela aldeia, pacífica até então, viu começar entre os cegos uma enorme discussão, porque cada um deles achava que a percepção que tinha tido do elefante era a verdadeira e definitiva.

Ekkehardt Müller diz, com razão, que nós somos como estes cegos nos nossos esforços para descrever Deus. Ele ultrapassa-nos de tal forma que nem sequer podemos avaliar o quanto. Deus é de tal forma exaltado e vive numa esfera tão diferente da nossa, que Ele não nos é completamente acessível. O que nos é dado conhecer de Deus vem pela revelação, e mesmo assim temos apenas alguns vislumbres da Divindade, não o todo. Esses vislumbres, porém, são verdadeiros e permitem relacionarmos-nos com Deus e sermos salvos.⁹

a. Advertências Bíblicas quanto aos Limites da Nossa Compreensão de Deus

No que diz respeito à revelação bíblica, comecemos por dizer que a Bíblia não nos revela a essência de Deus, mas, sobretudo, a forma como Deus age para conosco. Significa isto que não podemos ver a Bíblia como um tratado ontológico, mas muito mais como um livro relacional e soteriológico, cujo objetivo é levar à salvação. Ao contrário da Filosofia, que procura saber Quem é Deus e que provas há da Sua existência, a Bíblia afirma a existência de Deus sem ter em conta quaisquer considerações metafísicas, e começa por afirmar essa existência mostrando Deus em ação, em primeiro lugar como Criador.

São vários os testemunhos bíblicos que mostram a limitação humana em compreender Deus. A Bíblia assinala em várias ocasiões que,

mesmo na revelação, há mistérios que não conseguimos compreender (Dt. 29:29; Sl. 139:6; Is. 40:28; Ef. 3:8 e 9; I Co. 3:9-12). Tais limitações provêm do nosso estado natural (Sl. 51:7), dos nossos pecados pessoais (Rm. 1:21-32) e das consequências que daí resultam (I Co. 13:12). Porém, mesmo com essas limitações, Deus não nos abandona e aproxima-Se de nós (At. 17:27; Jo. 17:3).¹⁰

Deus é objeto da nossa fé, mas Ele não é um objeto no sentido científico ou filosófico do termo, do qual a nossa razão se possa apropriar. Emil Brunner, um teólogo protestante,

Nenhum espírito finito pode compreender completamente o caráter ou as obras do Ser Infinito.

afirma a este propósito, com razão: “Deus, não precisamos de O comparar a nada do que nos é conhecido, Ele escapa a qualquer comparação, assim Ele é desconhecido. Aquele que ensina Deus esquece-se do que fala.”¹¹

b. Advertências Dadas pelo Espírito de Profecia

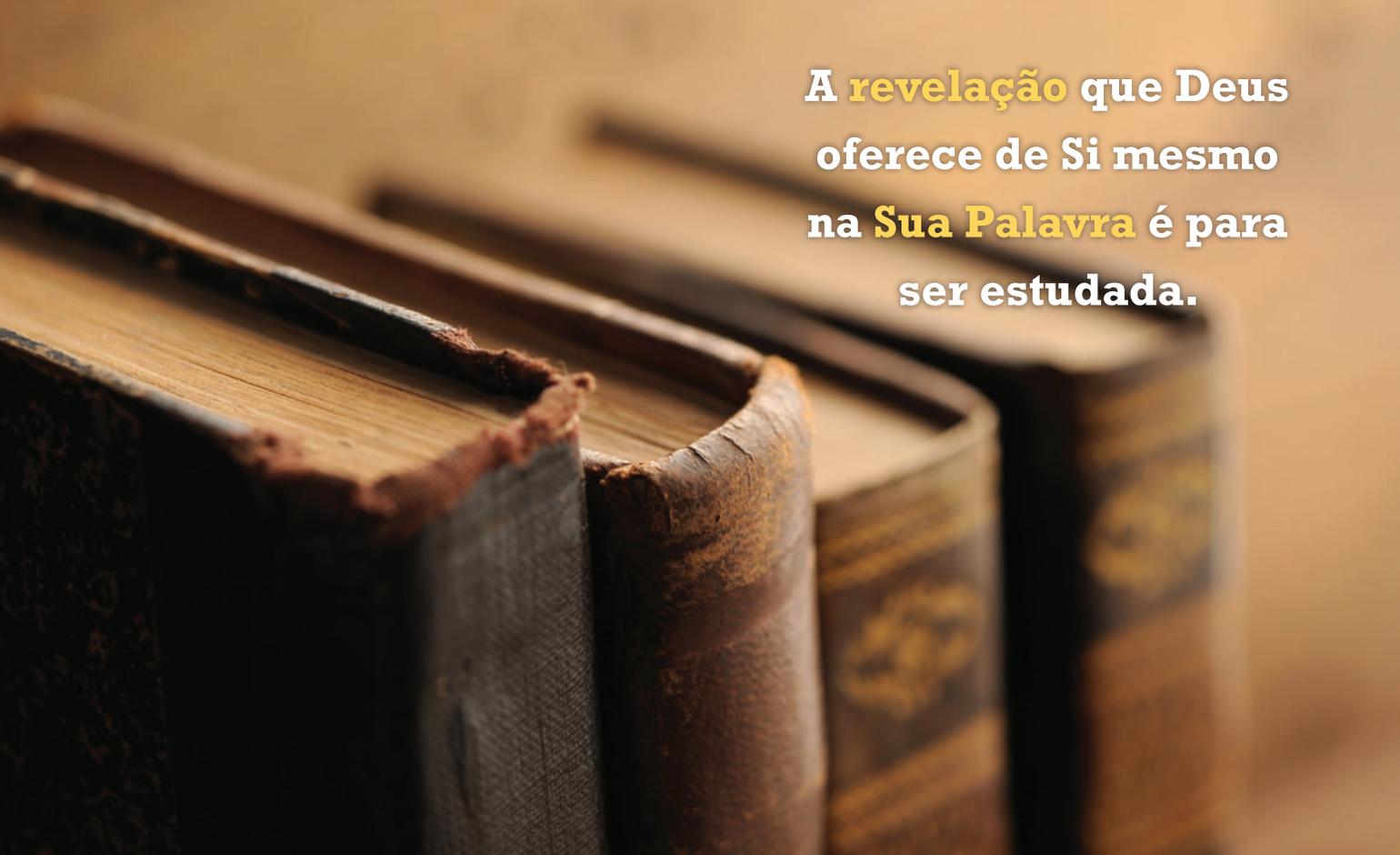
Também a irmã White nos aconselha, em várias citações, acerca das nossas limitações em compreendermos Deus.

“Nenhum espírito finito pode compreender completamente o caráter

ou as obras do Ser Infinito. Não podemos pelas nossas pesquisas encontrar Deus. Para os espíritos mais fortes e mais altamente educados, assim como para os mais fracos e ignorantes, aquele Ente santo deverá permanecer revestido de mistério.”¹²

Ela assinala também aquilo que podemos compreender: “Podemos compreender o Seu trato para conosco a ponto de discernir a misericórdia ilimitada unida ao infinito poder. É-nos dado compreender tanto dos Seus propósitos quanto somos capazes de abranger; para além disto, podemos ainda confiar naquela mão que é onipotente, naquele coração repleto de amor.”¹³ Ao falar dos mistérios bíblicos, a autora inspirada sublinha: “É facto que Ele não removeu a possibilidade da dúvida; a fé deve repousar sobre a evidência e não sobre a demonstração; os que desejam duvidar terão oportunidade para isto; aqueles, porém, que desejam conhecer a verdade encontrarão terreno amplo para a fé.”¹⁴

No livro *Testemunhos para a Igreja*, a irmã White, ao prosseguir sobre este tema, declara sem ambiguidades: “A revelação que Deus oferece de Si mesmo na Sua Palavra é para ser estudada. Temos de procurar compreendê-la. Mas, além disso não vamos conseguir penetrar. A inteligência mais privilegiada pode-se esforçar até ao ponto de se perder em conjeturas a respeito da natureza de Deus; mas o esforço será inútil. Esse não é um problema cuja solução foi confiada a nós. Nenhuma mente humana pode compreender Deus. O ser humano finito não deve tentar interpretar Deus. Ninguém deve alimentar a especulação a respeito da natureza divina. Nesse assunto o silêncio é eloquência. O Omnisciente está acima de qualquer discussão.”¹⁵ Mais adiante, na mesma página, ela prossegue: “Somos tão ignorantes a respeito de Deus quanto crianças pequenas; contudo, à semelhança delas, podemos amá-l’O e obedecer-Lhe. Em vez de especular com



A **revelação** que Deus oferece de Si mesmo na **Sua Palavra** é para ser estudada.

respeito à Sua natureza ou às Suas prerrogativas, prestemos atenção às palavras que pronunciou: 'Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus' (Sl. 46:10).¹⁶

Todo este capítulo 45 do volume 8 de *Testemunhos para a Igreja* abunda em conselhos de humildade humana, de respeito pela santidade de Deus, quando estudamos Quem é Deus e o solene aviso de que jamais conseguiremos afastar o véu que oculta a Sua glória.¹⁷

É com este mesmo sentimento que abordaremos em seguida a questão da Trindade.

III. Origem e Importância da Noção de Trindade

a. Origem da Noção de Trindade

Ao que tudo indica, a palavra "Trindade" foi utilizada pela primeira vez por Teófilo, bispo de Antioquia (168-181 A.D.), para exprimir a ideia de três pessoas na Divindade. É um facto que esta palavra não existe na Bíblia e, portanto, não é essen-

cial. Mas há outras palavras que utilizamos para descrever doutrinas bíblicas, acontecimentos relacionados com a Bíblia e que também não se encontram nas Escrituras, como é o caso de "juízo investigativo", "incarnação" ou "milénio". Embora a palavra "Trindade" não exista na Bíblia, não significa que o ensino que ela evoca não se encontre nas Sagradas Escrituras. Pelo contrário, como teremos ocasião de mostrar, há abundantes evidências bíblicas de uma pluralidade na Divindade. O que se passa é que, até hoje, não se encontrou uma outra palavra que pudesse expressar melhor a relação existente entre as pessoas divinas que a evidência Escriturística apresenta.

A noção de Trindade não provém de nenhuma especulação, mas do testemunho dos textos contidos no Novo Testamento. Com efeito, estes escritos apresentam-nos três nomes que estão no centro da mensagem néo-testamentária: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.¹⁸ "Estes três nomes, o Pai, o Filho, o Espírito Santo cons-

tituem, na Sua unidade e na Sua diferença, o conteúdo e a significação do Novo Testamento."¹⁹ O testemunho claro do Novo Testamento é que Jesus nos revelou o Pai (Mt. 11:27; Jo. 14:8-14; 16:25; 17:1-5). A comunidade cristã vivia esta realidade: pelo Filho possuía o Pai e pelo Espírito Santo estava unida ao Pai e ao Filho,²⁰ ao ponto de poder pela fé clamar: *Aba*, Pai. Nesse grito está contido todo o evangelho (Rm. 8:15; Gl. 4:6; I Co. 12:3).

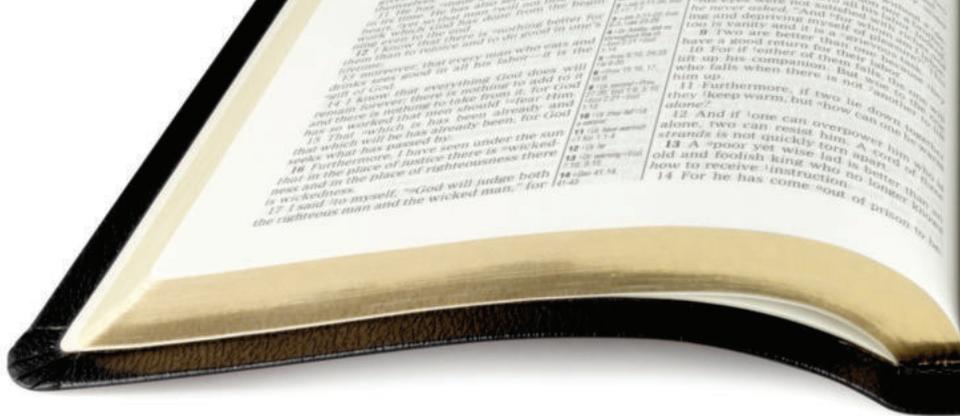
Emil Brunner traduz muito bem o mistério da Divindade através da interpretação que faz do que referem os textos néo-testamentários a este respeito, ao afirmar: "Assim, um duplo acontecimento devia produzir-se para que o Deus misterioso e desconhecido Se pudesse revelar como Pai: Ele devia sair do Seu mistério, entrar na história e 'fazer-Se ver' como pai na imagem humana do Filho, e devia, através do Espírito Santo, iluminar o coração obscurecido do homem a fim de que este pudesse, na imagem do homem Je-

sus, reconhecer o Filho e no Filho, o Pai. Tal é a relação, em primeiro lugar, compreensível dos três nomes no testemunho néo-testamentário. Não encontramos ainda aí uma doutrina trinitária, mas sim o seu ponto de partida.”²¹

b. A Importância da Doutrina da Trindade

A doutrina da Trindade é extremamente importante para os cristãos. Na verdade, desde que Ário, no terceiro século da nossa era, pôs em dúvida a divindade plena de Jesus Cristo, que a defesa da doutrina da Trindade se tornou fulcral para o Cristianismo. Essa defesa iniciou-se com o Concílio de Niceia no ano 325 A.D., onde não só foram rejeitados os pontos de vista de Ário, como foi formulada uma declaração sobre a Trindade, onde era preservada a unidade de Deus, em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.²² Embora nesta formulação o conceito filosófico de substância fosse introduzido para salientar a natureza divina de cada um dos elementos da Divindade, elemento esse que não estava presente no testemunho neo-testamentário, a formulação segue o testemunho deixado pelo Novo Testamento acerca da Divindade.

Como bem o salienta Raoul Dederen, esta é uma doutrina fundamental para o Cristianismo porque lida com uma correta compreensão de Deus. Relacionado com o Ser Divino, a Sua natureza e modo de ser, este conhecimento afeta cada compreensão humana de Deus como objeto de adoração, quer o concebamos como Um em essência e pessoa, ou admitamos que na unidade da Divindade há três Pessoas divinas iguais. E este não é um assunto de somenos importância. Porque se a doutrina da Trindade é verdadeira, então aqueles que a negam não adoram o Deus das Escrituras. Se esta doutrina for falsa, então os trinitarianos, ao honrarem o Filho e o



Espírito Santo, são igualmente culpados de idolatria.²³

c. Monoteísmo e Trindade

A questão que se coloca de imediato é se a unidade de Deus, tão longa e firmemente afirmada no monoteísmo do Antigo Testamento, se pode conciliar com o ensino trinitário.

A declaração fundamental que afirma o monoteísmo bíblico encontra-se em Dt. 6:4, naquele que é conhecido como o *shema* de Israel, a doutrina fundamental da Bíblia, e que diz: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.”

Convém lembrar que, no hebraico, existem duas palavras para designar a unidade, no caso de uma unidade absoluta, ou de uma unidade composta. A palavra hebraica *Yachid* designa a unidade absoluta e pode ser encontrada nas seguintes passagens bíblicas: Gén. 12:2, 12, 16; Pv. 4:3; Jr. 6:26; Am. 8:10; Zc. 12:10. A outra palavra hebraica para unidade é *Echad* e indica uma unidade formada de partes, como as seguintes passagens mostram: Gén. 1:5; 2:10; 2:24; 24:3; Nm. 13:23. Ora, no texto de Deuteronómio que mencionámos acima, a palavra hebraica utilizada é *Echad* e isso é demonstrativo do que o texto nos transmite. Aqui não nos diz que Deus é um no sentido absoluto, mas sim que a unidade divina implica uma associação.

Aquilo que está implícito no Antigo Testamento vai tornar-se explícito no Novo.²⁴ Por outro lado, o texto de Deuteronómio não afirma a unidade absoluta de Deus, mas posiciona Deus em relação com as divindades pagãs adoradas no po-

liteísmo existente nas nações vizinhas de Israel. Enquanto os povos pagãos tinham uma pluralidade de divindades, Israel tinha apenas um Deus. Porém, isso não significava que esse Deus fosse solitário, como o vão mostrar as evidências bíblicas acerca da pluralidade de Deus.

IV. Pai, Filho e Espírito Santo na Bíblia

a. Os membros da Trindade Presentes na Bíblia

Além das várias passagens que continuamente nos lembram de que existe apenas um Deus (Dt. 6:4; Is. 42:8; Jo. 17:3; I Co. 8:6; Ef. 4:6), são várias as passagens da Bíblia que mostram os membros da Divindade associados. Existem passagens que mostram unicamente o Pai e o Filho associados: Mt. 11:27; Jo. 3:16, 36; 7:16; 13:1; 17.

Outras passagens mostram apenas o Pai e o Espírito: Lc. 11:13; Ef. 4:30; I Ts. 4:8; I Co. 2:10 e 11. Comparar também as seguintes referências: Is. 63:10-11 com 63:7, 14, e o Sl. 51:11 e 12 com o vers. 1.

Um terceiro tipo de passagens bíblicas apenas mostra Cristo e o Espírito Santo: Lc. 4:1, 14; Jo. 16:7, 13; At. 1:8.

Existem, finalmente, passagens bíblicas onde os três elementos da Divindade estão associados: Mt. 28:19; Jo. 3:34; Rm. 8:9-11, 16 e 17; II Co. 13:13; Ef. 2:18; 4:4-6; Hb. 10:29-31; Jd. 20 e 21; I Pd. 1:2; I Jo. 4:2.²⁵

b. Os Membros da Trindade Associados nos Atos Importantes Mencionados na Bíblia



Na Criação: o Pai (Is. 45:18), o Filho (Jo. 1:1-3), o Espírito (Gén. 1:2).

No Novo Nascimento: o Pai (I Jo. 3:9; 5:18), o Filho (Jo. 1:1 e I Pd. 1:23); o Espírito (Jo. 3:5, 6, 8).

Na Justificação: o Pai (Rm. 8:33), o Filho (I Co. 6:11), o Espírito (I Co. 6:11).

Na Santificação: o Pai (Jd. 1; Jo. 10:36), o Filho (I Co. 6:11; 1:2), o Espírito (I Co. 6:11; Rm. 15:16).

Na Ressurreição: o Pai (At. 26:8); o Filho (Jo. 5:27-29; II Co. 4:14); o Espírito (Rm. 8:11).

No Batismo: Pai, Filho e Espírito associados na mesma passagem (Mt. 28:19).

Na Bênção Apostólica: Pai, Filho e Espírito associados na mesma passagem (II Co. 13:13).

Nos Dons Espirituais: Pai, Filho e Espírito associados na mesma passagem (I Co. 12:4-6).

Na assistência divina: Pai, Filho e Espírito associados na mesma passagem (Ef. 3:14-17).

Na unidade da Igreja: Pai, Filho e Espírito associados na mesma passagem (Ef. 4:4-6).

Na adoção: Pai, Filho e Espírito associados na mesma passagem (Gl. 4:6).

Do exame destas passagens e de muitas outras que, por motivos de espaço, não podemos apresentar neste estudo, é claro que há evidências mais do que suficientes que apoiam a doutrina da Trindade e que não podem ser ignoradas, nem interpretadas de outro modo que não seja de acordo com o testemunho explícito do Novo Testamento acerca da Divindade e do papel que cada Pessoa da Divindade desempenha no plano da salvação.

Conclusão

Deste breve estudo, fica claro que o vocábulo “deus” é um nome comum, utilizado na Bíblia para designar não somente o Deus verdadeiro, como também outras divindades pagãs. O uso da palavra *Echad*, em Dt. 6:4, para dizer que Deus é um, não significa, de forma alguma, como salientamos, que Deus exista na forma de uma unidade simples, pois essa palavra não significa “um” no sentido absoluto, mas sim uma unidade composta. O facto de que, no Antigo Testamento, o nome *Elohim*, “Deus”, seja um plural, concorre para o facto de que a Divindade é plural. Implícita no Antigo Testamento, tal evidência torna-se mais explícita no Novo, onde uma série de textos bíblicos confirmam haver uma associação de Pessoas na Divindade.

Porém, chegamos ao final deste estudo verificando que, embora a evidência em favor da Trindade na Bíblia seja forte, não aprendemos muito sobre a natureza respetiva do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Isto porque, salientamos, a Bíblia não é um tratado ontológico, mas uma revelação que mostra essencialmente a ação de Deus na história humana. Para a Bíblia não interessa fazer especulação filosófica, mas sim mostrar a possibilidade de salvação existente em Deus. Por outro lado, devemos ter sempre presente que, embora revelada nas Escrituras, a pluralidade da Divindade é, na sua essência, um mistério que a mente humana está longe de conseguir compreender. Aceitamo-la porque está revelada, mas é com humildade que reconhecemos a nossa incapacidade

de perscrutar tal mistério, porque Deus é Deus e nós não somos senão seres criados e finitos. Se o próprio Universo é demasiado para que o nosso espírito o possa abarcar, que diremos do Criador desse mesmo Universo? Longe da nossa compreensão, Deus está, no entanto, perto de cada um de nós para ouvir as nossas preces, socorrer-nos e salvar-nos. A atitude de resposta mais adequada da nossa parte é estudar a Sua Palavra, compreender, naquilo que nos está acessível, a revelação que nela Deus dá de Si próprio, sem estarmos dependentes de ensinamentos de terceiros, e adorá-l’O como nosso Criador, Consolador e Salvador. ✨

· Artur Machado,

Departamental da Área de Comunicação

1. Cf. TOORN, K. van der, *God (I)*. In *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999, p. 352. Ver também JACOB, Edmond, *Théologie de L’Ancien Testament*. Neuchâtel: Delachaux&Niestlé, s.d., p. 34.
2. Cf. JACOB, EDMOND, *Idem*, p. 35.
3. Cf. EICHRODT, Walter, *Teologia do Antigo Testamento*. S. Paulo: Hagnos, 2004, pp. 172 e 173.
4. Cf. *Idem*, pp. 174 e 175.
5. Cf. JACOB, Edmond, *Op. cit.*, p. 47.
6. Cf. EICHRODT, Walter, *Op. cit.*, p. 177.
7. HORST, P van der, “God (II)”. *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Grand Rapids, Michigan: B. Eerdmans Publishing Company, 1999, p. 365.
8. Cf. CULLMANN, Oscar, *Cristologia do Novo Testamento*. S. Paulo: Hagnos, 2008, 1ª edição, pp. 260 e 261.
9. Cf. MUELLER, Ekkehardt, “Our God”. *Biblical Research Institute*, p. 1.
10. Cf. STEVENY, Georges, “Problèmes d’Interprétation”. In *Servir III/IV*, 1977, p. 3.
11. BRUNNER, Emil, *La Doctrine Chrétienne de Dieu. Dogmatique*. Genève: Labor et Fides, 1964, Tome Premier, p. 135.
12. WHITE, Ellen, *Educação*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2008, p. 169.
13. *Idem*, p. 169.
14. *Ibidem*.
15. WHITE, Ellen, *Testemunhos para a Igreja*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, vol. 8, p. 279.
16. *Ibidem*.
17. Cf. *Idem*, p. 285.
18. Cf. BRUNNER, Emil, *idem*, p. 222.
19. *Idem*, p. 223.
20. Cf. *Ibidem*.
21. *Idem*, p. 225.
22. Cf. WHIDDEN, W., MOON, J., REEVE, W., *A Trindade*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2003, pp. 158 e 159.
23. Cf. DEDEREN, Raoul, “Reflections on the doctrine of Trinity”. In <http://biblicalresearch.gc.adventist.org/documents/Doctrine%20of%20the%20Trinity.pdf>. 29-01-2012 13:40.
24. Cf. STEVENY, Georges, *op. cit.*, p. 5.
25. Várias destas passagens encontram-se no estudo feito por Georges Steveny, *Ibidem*.



Imitando a Natureza

primeira
parte

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e vamos verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

Um Passeio Produtivo

Um dia, em 1941, Georges de Mestral, um engenheiro suíço (na imagem) foi passear o seu cão. No regresso a casa, verificou que o pelo do animal estava cheio de sementes de uma planta, muito difíceis de retirar.



Analisando estas sementes ao microscópio, verificou que a dificuldade vinha de uma espécie de ganchos que aquelas sementes possuem (ver imagem).

Entusiasmado, trabalhou com uma fábrica de têxteis da região para conseguir criar um efeito semelhante, que poderia ser utilizado em aplicações do dia-a-dia.

Nasceu assim o que hoje conhecemos como “velcro”, invenção que foi patenteada e que foi posteriormen-



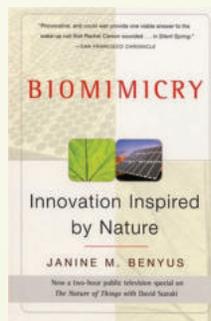
te vendida a uma empresa, mas cujo nome passou a ser um termo de uso comum.

Uma Nova Ciência?

Foi um excelente exemplo da aplicação da *Biomimética* – a Ciência da utilização de princípios observados na Natureza para resolver problemas tecnológicos e do viver diário.

O nome desta Ciência deriva da palavra grega *bios*, que significa “vida”, e do termo *mimesis*, que significa “imitação”, ou seja, é literalmente “a Ciência da imitação da vida”.¹

Este termo foi utilizado pela primeira vez por Janine Benyus, cujo livro, com o mesmo nome,² utilizaremos em parte como base para esta série de artigos.



Na verdade, esta não é uma Ciência nova, pois já Leonardo Da Vinci ficou famoso por se inspirar na Natureza para os seus desenhos de máquinas voadoras e de barcos.

Atribui-se a Da Vinci a seguinte frase: “Aqueles que se inspiram em algo diferente da Natureza [...], trabalham em vão.”

Mas a verdade é que a invenção do velcro foi, durante muitos anos, o único exemplo concreto de uma inovação diretamente retirada da Natureza e com grande sucesso comercial.³

Nas palavras de um cientista: “Existe hoje apenas 10% de sobreposição entre a biologia e a tecnologia, em relação aos mecanismos utilizados.”⁴ Parece muito pouco.

Talvez reconhecendo essa oportunidade desperdiçada, nos últimos anos parece estar a verificar-se um



renascimento desta área do conhecimento, à medida que a tecnologia vai alcançando os seus limites e, nalguns campos, começa a permitir copiar certos aspetos que são comuns na Natureza, mas que até há pouco tempo eram inacessíveis às nossas técnicas.

O Renascimento da Biomimética

Desde o final dos anos 90 que se tem falado cada vez mais deste tema. Com a maior sensibilização para os temas ambientais e a crescente escassez de recursos naturais, há um reconhecimento cada vez maior da forma excepcionalmente eficiente e limpa como a Natureza opera.

A Criação de Deus, mesmo contaminada pelo pecado, apresenta características surpreendentes que se comparam, de forma muito favorável, com as melhores tecnologias desenvolvidas pelo ser humano.

Em geral, podemos dizer que a nossa tecnologia está preocupada com o que pode *extrair* da Natureza, enquanto que a Biomimética está orientada para aquilo que pode *aprender* com a Criação de Deus.

Consideremos os seguintes aspetos:⁵

- A Natureza funciona com a luz solar como combustível.

- A Natureza usa apenas a energia de que necessita, com desperdício mínimo.
- A Natureza adapta a forma à função.
- A Natureza recicla tudo.
- A Natureza vive em cooperação.
- A Natureza promove a diversidade.
- A Natureza reconhece a existência de limites e funciona dentro deles.

A Importância das Ideias

Podemos afirmar que o surpreendente não é que haja atualmente um interesse reforçado na Biomimética, mas sim que não tenhamos recorrido mais cedo, e de forma mais sistemática, a aprender com ensinamentos patentes no livro da Natureza.

Talvez uma explicação para esta oportunidade pouco aproveitada esteja nas nossas crenças em relação à Natureza: Na perspetiva prevalente no mundo científico e tecnológico, a Natureza terá resultado de um processo de evolução. De acordo com esse ponto de vista, a Natureza é admirada, mas o objetivo do ser humano tem de ser “fazer melhor do que a Natureza”, ou seja, levá-la para o próximo estágio de evolução.

Pelo contrário, numa perspetiva bíblica, sabemos que a Natureza,

mais tarde afetada pela entrada do pecado neste mundo, foi considerada pelo nosso Criador como “ *muito boa* ”.

“E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom;[...].” (Gén. 1:31).

Ellen White, nos seus escritos, defende a mesma ideia: “*A Natureza testifica de Deus. A mente sensível, levada em contacto com o milagre e mistério do Universo, não pode deixar de reconhecer a operação do poder infinito.*”⁶

Por isso, para um crente na Palavra de Deus, a ideia de aprender com a Natureza é muito natural. O mesmo não acontece necessariamente com alguém que considera a Natureza apenas como um estágio intermediário de evolução.

Com a constatação, cada vez mais evidente, de que o paradigma evolucionista vigente, baseado em mutações genéticas aleatórias e seleção natural, não é suportado pelas evidências científicas, os cientistas têm-se sentido mais encorajados a aprender com a Natureza, em lugar de ajudá-la a transpor o próximo degrau evolutivo. Daí, o renovado interesse na Biomimética.

Comparando Metodologias

Sob a perspetiva evolucionista, o progresso na Natureza dá-se pelo mecanismo de mutações e seleção natural, que daria eventualmente origem a novas espécies. O evolucionista crê por isso que pode, desta forma, melhorar o desenho da Natureza.

Seguindo essa ideia, têm sido feitas inúmeras tentativas em laboratório de replicação deste processo de geração de progresso. Mas, até hoje, todas foram coroadas de insucesso.

Um exemplo clássico é a utilização das chamadas “*moscas da fruta*”⁷ em experiências genéticas.



Estes insetos prestam-se especialmente a este tipo de experiências porque:

- Se multiplicam muito facilmente.
- Podem ser alimentados simplesmente com leite.
- Têm um ciclo reprodutivo de apenas 10 dias.
- Possuem somente 4 pares de cromossomas.



Desde 1904, ano em que foram feitas as primeiras experiências com estes insetos, já se simularam o equivalente a muitos milhões de anos de evolução. E, no entanto, das 400 mutações observadas e documentadas nestas moscas, não houve uma única que tenha levado à criação de uma nova espécie. O máximo que se conseguiu foi acrescentar-lhes um par de asas, mas... essas asas não funcionavam, o que representava uma desvantagem em lugar de uma vantagem.

Por outro lado, numa perspetiva biomimética e humilde perante a Natureza, pela simples análise ao microscópio de uma semente, o engenheiro mencionado no início do artigo foi capaz de criar um produto que, mais de meio século depois, ainda continua a ser utilizado intensivamente em todo o mundo.

Aprendendo com a Natureza

Estou convencido de que a utilização de um paradigma criacionista, inspirado na Natureza, tem o potencial de fazer avançar grandemente a tecnologia nos próximos anos.

Isso já está a acontecer com a Biomimética, e irá acontecer também na criação de uma nova Teoria da Evolução, que incorpore as desco-

bertas que temos comentado nestes artigos, resultantes das surpresas desvendadas pelo sequenciamento do código genético.

Nesta nova série de artigos sobre a Biomimética iremos mostrar exemplos recentes de como o homem está a aprender com a Natureza e com as ideias originais e extraordinárias do seu Criador. Em particular, iremos procurar exemplos de inovações nas seguintes áreas:⁸

- Como alimentar o mundo sem destruir a Natureza.
- Como gerar energia de forma mais limpa e eficiente.
- Como fabricar melhor.
- Como curar doenças de forma mais eficaz.
- Como armazenar conhecimento.
- Como utilizar princípios da Natureza na economia e na gestão.

Conclusão

Não queremos de forma alguma negar os sucessos da tecnologia desenvolvida nos últimos 300 anos. Existem mais de 2000 tecnologias patenteadas que foram diretamente inspiradas pela Natureza.⁹

Apenas queremos chamar a atenção para o facto de, durante demasiado tempo, não termos reconhecido e utilizado todo o potencial de uma fonte de inspiração muito importante.

Se considerarmos de forma imparcial a maioria das tecnologias de que dispomos, somos forçados a reconhecer que elas apresentam em geral o inconveniente de terem uma sustentabilidade muito inferior à dos ecossistemas naturais, que funcionam sem a intervenção humana.

Procuraremos trazer exemplos concretos nestes artigos.

Se tivéssemos buscado com maior abertura de mente a inspiração na Natureza, talvez pudéssemos estar mais avançados em algumas áreas e já tivéssemos desenvolvido tecnologias mais sustentáveis.

Estaríamos possivelmente também a discutir mecanismos para a

evolução mais credíveis do que os atuais e que, estou certo, seriam surpreendentemente consistentes com a Palavra de Deus.

O criacionista instintivamente pretende aprender com a sabedoria revelada na Natureza e imitar os se-



gredos que ela encerra. Ele tem claro, no entanto, que lhe será impossível fazer algo que seja mais perfeito do que a Criação de Deus.

Iremos ter oportunidade de nos deixarmos impressionar pelas maravilhas criadas por Deus, seguindo a exortação feita por Jesus há dois mil anos:

“Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.”

Lucas 12:27 ✦

• Miguel Mateus

Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica; Mestre em
Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business and
Administration

1. Adaptado do artigo sobre Biomimética em www.wikipedia.org.
2. Benyus, Janine, *Biomimicry*, Harper, 1997, em Português: “*Biomimetismo*”.
3. Ver artigo “Ideas Stolen Right From Nature”, publicado na Revista *Wired*, de setembro de 2004.
4. Citação do Professor Julian Vincent, da Universidade de Bath, mencionado no artigo “Ideas Stolen Right From Nature”, publicado na Revista *Wired*, de setembro de 2004.
5. Adaptado de Benyus, Janine, *op. cit.*
6. Ellen White, *Educação*, capítulo 10.
7. Insetos pertencentes à espécie *Drosophila melanogaster*, muito utilizados para experiências genéticas em laboratórios.
8. Adaptado de Benyus, Janine, *op. cit.*
9. Informação contida em documento oficial da União Europeia, em que se defende uma maior utilização deste tipo de conceito na investigação científica: “*European Parliament resolution of 25 April 2007 on a Thematic Strategy for the Sustainable Use of Natural Resources.*”

Missionários para hoje*

A tarefa de anunciar a verdade presente pode ser grandemente alargada pelo esforço pessoal. Como filhos de Deus, nenhum de nós está dispensado de tomar parte na grande obra de Cristo, na salvação dos nossos semelhantes. Todos os homens e mulheres que são cristãos no mais amplo sentido da palavra devem trabalhar na seara do Senhor.

Deus trabalha por meio dos nossos esforços. Com a nossa negligência e egoísmo, podemos obstruir o caminho para os pecadores. Não devemos distanciar-nos dos nossos semelhantes, mas sim aproximar-nos; a vida deles é tão preciosa como a nossa.

Necessita-se de missionários para Deus; homens e mulheres de fé que não se esquivam às responsabilidades. O trabalho dedicado resultará em bons resultados. Aqueles a quem Cristo ligou a Si mesmo, trabalharão, como Ele trabalhou, diligente e perseverantemente, na medida que

lhes for possível, para salvar vidas que perecem ao seu redor.

Igreja que trabalha, Cresce

A igreja que trabalha sempre será uma igreja em crescimento. Sempre encontrará estímulo e ânimo ao tentar ajudar outros, e, ao agir assim, será fortalecida e encorajada. Satanás procura manter os membros do povo de Deus em estado de inatividade para que não realizem a sua parte na propagação da verdade e assim, no final, sejam pesados na balança e achados em falta.

Somos responsáveis perante Deus pela vida daqueles com os quais entramos em contacto e, quanto mais próximo for o nosso relacionamento com os nossos semelhantes, tanto maior será a nossa responsabilidade.

Todas as oportunidades devem ser aproveitadas para levar a verdade a outras nações. Isso exigirá um custo considerável, mas as despesas nunca devem prejudicar o desempenho do

trabalho. O Senhor tem dado aos seres humanos recursos para tal propósito, a fim de que sejam usados para levar a verdade aos seus semelhantes.

Em vez de os nossos ministros trabalharem entre as igrejas, Deus deseja que trabalhem noutros países e que o nosso trabalho missionário seja tão vasto quanto seja possível, indo a todos os lugares e formando novos grupos.

Enquanto os membros de igreja dependerem do trabalho dos missionários estrangeiros para fortalecer e animar a sua fé, não se tornarão fortes por si mesmos. Devem ser instruídos de que serão fortalecidos na proporção dos seus esforços.

Quanto mais de perto forem seguidos os planos para o trabalho missionário revelados no Novo Testamento, mais bem-sucedidos serão. ♣

• **Ellen G. White**
Pioneira da IASD

*Texto publicado na revista *The Advance*, na Nova Zelândia, em 1899.

O Remanescente

Missão impossível em tempos difíceis

O termo "remanescente" aparece muitas vezes na literatura Adventista e está intimamente ligado à compreensão que temos de nós mesmos e da nossa missão nestes momentos finais do grande conflito. Este artigo analisará o remanescente numa perspectiva bíblica, centrando-se especialmente no texto crucial de Apocalipse 12:17.

O Remanescente Bíblico

A Bíblia fala de um remanescente em várias ocasiões. Quando Deus olhou para a Terra antes do Dilúvio, só Noé e a sua família eram fiéis (Gén. 6:15). Quando os israelitas fizeram o bezerro de ouro, apenas alguns recusaram adorá-lo (Êxo. 32:25 e 26). Quando Acabe levou Israel à apostasia, somente Elias e mais sete mil não se curvaram perante Baal (I Reis 19:10-18). Quando Judá pôde voltar do exílio em Babilónia, apenas uns poucos responderam ao chamado de Deus (Esdras 2:1-7). E quando Jesus veio à Terra, só um remanescente O aceitou (João 1:10-13). A palavra "remanescente" refere-se, portanto, a um grupo de pessoas que permanecem fiéis a Deus quando a maioria ao seu redor compromete a sua fé.

Possivelmente, a mais conhecida referência ao remanescente é Apocalipse 12:17, que descreve as características deste grupo no contexto dos últimos dias da história da Terra. Este remanescente tem seis características importantes.

Característica 1:

Momento do seu aparecimento

Apocalipse 12 resume o grande conflito entre o Bem e o Mal, entre Jesus Cristo e os Seus anjos (Apoc. 12:7) e o dragão e os seus anjos (Apoc. 12:3, 7-9). São descritos quatro encontros.

Primeiro, há uma batalha no Céu (12:7-9). Segundo, no momento da encarnação de Jesus, o dragão tenta destruí-lo, mas é derrotado (12:1-5, 10). Terceiro, o dragão ataca a Igreja, simbolizada por uma mulher pura, e persegue-a durante 1260 dias proféticos ou anos literais (12:13-16). Os Adventistas entendem que este período terminou em 1798 d.C.. É depois desta data que o remanescente aparece e enfrenta o dragão no quarto e último encontro. O remanescente de Apocalipse 12:17, portanto, emerge e desenvolve-se nos últimos dias – no nosso tempo.

Característica 2:

Uma identidade distinta

O remanescente é descrito como sendo "o resto da sua [da Igreja] semente". Por definição, "remanescente" (ou resto) implica uma pequena parte de um todo muito maior. A semente da mulher é numerosa, mas o remanescente constitui apenas uma pequena parte desse todo. Hoje, existem 2 mil milhões de professos seguidores de Jesus. Embora o dragão odeie todos os que têm ainda que seja só uma semelhança de fé, a sua ira é especialmente dirigida contra este pequeno grupo, este remanescente, porque, devido à sua fidelidade a Deus,

eles se destacam do todo. Se alguma vez o remanescente compromettesse a sua identidade única, deixaria de ser o remanescente.

Característica 3:

O Testemunho de Jesus

Apocalipse 12:17 declara que o remanescente tem "o testemunho de Jesus Cristo". "Testemunho" é outra palavra para "testificar", e é usada na Bíblia como uma confirmação ou prova de alguma coisa.² É muitas vezes usada especificamente em relação à salvação pela graça.³ A verdade de que a salvação é um dom de Deus foi a mensagem central de Jesus e dos apóstolos, em oposição ao legalismo dos rabis e ao paganismo dos gentios. Foi também o ponto central da Reforma contra a religião medieval baseada nas obras. Nestes últimos dias, o remanescente permanece fiel a esta verdade maravilhosa e anuncia o dom gratuito de Deus a uma humanidade sofredora. É a graça de Deus que dá ao remanescente a sua identidade e o poder para permanecer firme.

Característica 4:

Os mandamentos de Deus

Apocalipse 12:17 também salienta a obediência do remanescente aos mandamentos como sendo uma das suas características mais importantes: "O dragão... foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus..."

Historicamente, os Protestantes têm valorizado muito a lei bíblica em geral, e os Dez Mandamentos em particular. No entanto, o dispensacionismo e o pós-modernismo – uma coligação inesperada – uniram-se para mudar isso. O primeiro diz que os Dez Mandamentos são do Velho Testamento e afirma que já não estão em vigor. O segundo menospreza a fé numa verdade objetiva em favor de uma verdade subjetiva. É contra este

pano de fundo que Apocalipse 12:17 descreve o remanescente como sendo obediente aos mandamentos de Deus.

O Remanescente e a sua Missão

A Igreja universal é composta por todos os que verdadeiramente acreditam em Cristo, mas, nos últimos dias, num tempo de apostasia generalizada, um remanescente foi chamado para guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Este remanescente anuncia a chegada da hora do juízo, proclama a salvação através de Cristo, e anuncia a proximidade da Sua Segunda vinda. Esta proclamação é simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14; e é coincidente com a realização do juízo no Céu e resulta numa obra de arrependimento e de reforma na Terra. Todos os crentes são chamados a ter uma parte pessoal nesse testemunho mundial (Apoc. 12:17; 14:6-12; 18:1-4; II Cor. 5:10; Judas 3, 14; I Pedro 1:16-19; II Pedro 3:10-14; Apoc. 21:1-14).

A obediência não nega a eficácia da graça de Deus. Em vez disso, define a vontade de Deus para a nossa vida. Deus escreve a Sua lei de amor no nosso coração, de modo que a obediência se torna num estilo de vida (Jer. 31:33).

No centro da fidelidade do remanescente está o mandamento do Sábado, que recorda à humanidade a nossa origem e a Quem obedecemos. João volta a tocar neste assunto em Apocalipse 14:7, uma alusão clara ao quarto mandamento. O Sábado, como um sinal entre Deus e o Seu povo (Êxo. 31:33; Eze. 20:12, 20), torna-se numa marca distintiva para o povo de Deus no tempo do fim.

Característica 5: O papel profético

Uma comparação de Apocalipse 12:17; 14:8 e 19:10 mostra que o remanescente tem o Espírito de Profecia. Isto significa duas coisas. Primeira, o remanescente recebeu o Espírito Santo para poder entender a profecia bíblica. A Igreja Adventista nasceu quando as pessoas estudaram a profecia e continua a encontrar uma parte essencial da sua identidade na profecia bíblica. Tem sido a nossa compre-

O Remanescente e a Sua Missão

“A Igreja universal é composta por todos os que verdadeiramente creem em Cristo, mas, nos últimos dias, num tempo de apostasia generalizada, um remanescente foi chamado para guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Este remanescente anuncia a chegada da hora do julgamento, proclama a salvação através de Cristo, e anuncia a aproximação da Sua segunda vinda. Esta proclamação é simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14; e é coincidente com o julgamento no Céu e com a obra de arrependimento e reforma na Terra. Cada crente é chamado a ter um envolvimento pessoal nesta ação de testemunhar a nível mundial.”¹²

ensão especial dos acontecimentos dos últimos dias e do papel que somos chamados a desempenhar que tem motivado a missão Adventista que agora abarca o Globo, assim como a dedicação a uma vida de santidade.

Segunda, significa que o remanescente deve ser conduzido por meio do dom de profecia (I Cor. 12:7-11; II Pedro 1:21; Apoc. 19:10). O papel dos profetas bíblicos era providenciar orientação inspirada para o povo de Deus durante ocasiões importantes na história da salvação. Encontramos essa orientação em Ellen White, cujo ministério ajudou a Igreja Adventista a navegar com êxito à volta de numerosos escolhos teológicos e organizacionais.

Característica 6: A Missão

Todos os remanescentes bíblicos tiveram uma missão crucial no plano da salvação. O remanescente de Apocalipse 12:17 não é exceção. Ao enfrentar os ataques do dragão, tem de prestar atenção ao aviso de Tiago: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4:7). Resistir não é uma atividade passiva. Apocalipse 14:1-13 descreve o povo de Deus a tomar a iniciativa de ir combater o inimigo com a proclamação do evangelho eterno a todo o mundo habitado. A boa-nova da salvação pela graça deve ser plenamente proclamada a um mundo em sofrimento. As repetidas tentativas feitas pelo dragão para denegrir o caráter de Deus devem ser expostas e a beleza do que significa viver em e para Cristo não deve ser

só proclamada mas demonstrada. O sucesso desta missão dá glória ao nome de Deus.

Em resumo

Embora a Igreja universal seja composta por todos aqueles que verdadeiramente acreditam em Jesus Cristo, Deus chamou um remanescente para proclamar uma mensagem especial nestes últimos dias de confusão generalizada. Esse remanescente vive e proclama o evangelho da salvação em Jesus; a obediência aos Dez Mandamentos, incluindo o Sábado bíblico; mantém uma identidade forte e distinta; entende o seu papel profeticamente; e está envolvido numa missão de resistir ao dragão e de espalhar o evangelho no mundo inteiro.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia encaixa bem nesta descrição. Mas este facto não deve ser motivo para nos sentirmos orgulhosos ou para sermos triunfalistas. Em vez disso, recorda-nos das nossas incapacidades e das nossas falhas e leva o remanescente de Deus do tempo do fim aos pés de Jesus. Que tarefa gigantesca! Que Deus espantoso! ✨

· **Kim Papaioannou,**
Professor de Novo Testamento no
AIIAS, Filipinas

1. <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=5#oremnescente>; ver Os Adventistas do Sétimo Dia creem..., Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais, Associação Pastoral, Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Publicadora Atlântico, S.A., Sacavém, 1989, p. 148.
2. Por exemplo, Mat. 8:4; Marcos 1:44; 6:11; 13:9; João 19:35; 21:24; I Cor. 5:7; 2:1; II Tim. 1:8.
3. Comparar João 5:34; Atos 22:18; I Cor. 1:8; 2:1; II Tim. 1:8; I João 5:10; Apoc. 1:9.

Batismo

No dia 15 de outubro de 2011, a Igreja de Santana teve a grata satisfação de ver descer às águas do batismo a irmã Maria Estrela Oliveira. O batismo teve lugar na povoação da Ereira. Ela fez questão de ser batizada num rio, e Deus ofereceu-lhe um lindo dia de sol como presente!



Foi uma cerimónia emocionante, no meio da Natureza. Além de muitos irmãos de Santana e alguns da Figueira, também estiveram presentes o Pastor Arnaldo Borges e a sua esposa, pioneiros do trabalho em Santana, os quais viveram a cerimónia com muita emoção. Pessoas da população estiveram presentes e foram tocadas pelo acontecimento. Também usados por Deus foram a Rita e o Pablo, com as suas músicas inspiradoras e a sua simpatia, que em muito contribuíram espiritualmente.



No dia 29 de outubro, a irmã Maria da Guia Barraca dos Santos Coelho trouxe grande alegria ao Céu e à igreja da Figueira da Foz, e também de Santana, ao confirmar a sua entrega ao Senhor através do batismo. Foi desejo desta irmã ser batizada na Igreja Adventista de Santana, lugar onde havia respondido ao apelo para se batizar. A igreja estava repleta de irmãos de ambas as igrejas. Foi visível a sua alegria e, claro, o acontecimento foi festejado com um lanche onde todos os irmãos e amigos participaram. Ela foi recebida, entretanto, como membro da Igreja Adventista da Figueira da Foz, a qual sempre frequentou antes do batismo.

Pr. Pedro Glória, IASD Figueira da Foz e Santana

Batismo

“Digo-vos que assim haverá alegria no Céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.”

Lucas: 15:7

No dia 17 de dezembro de 2011, a Igreja Adventista de Ponta Delgada teve a satisfação de realizar mais uma solene cerimónia batismal. Esta contou com a presença dos membros do grupo da Lomba de São Pedro, bem como dos familiares e amigos da nossa irmã.

Ana Maria Medeiros Câmara, após ter iniciado uma importante caminhada com Deus, marcada pelo estudo e compreensão da Sua palavra, decidiu testemunhar publicamente a sua aceitação de Jesus Cristo como seu único Salvador pessoal.

O Pastor Paulo Neves, oficiante da cerimónia, expõe a Palavra de Deus, explicou a importância e o significado



bíblico do batismo, culminando com um apelo, ao qual diversas pessoas responderam positivamente, manifestando o desejo de virem a selar o seu compromisso com Cristo num futuro próximo.

Os membros da Igreja de Ponta Delgada receberam calorosamente a mais recente irmã, comprometendo-se a acompanhar e apoiar espiritualmente a mesma na sua tão importante decisão a favor de Cristo. Que Deus abençoe esta querida irmã.

Eurico Lopes Correia, ancião do grupo da Lomba de São Pedro (IASD Ponta Delgada)

Descansou no Senhor

LAPI - Vale Queimado



No passado dia 5 de dezembro de 2011, a irmã Lucelinda Marques Godinho descansou no Senhor. Após momentos difíceis de saúde, estando no LAPI, esta valorosa obreira da Seara do Senhor repousou das suas fadigas.

Nasceu em 1916, em Tomar.

Entrou ao serviço da União Portuguesa em 1942, na Publicadora, desempenhou, ao longo de 38 anos, um ministério de serviço e de ação nos escritórios da União, servindo em vários Departamentos.

Ficamos gratos ao Senhor pela bênção que tivemos de conviver de perto com a irmã Lucelinda, e pela bênção que ela foi para muitas e muitas pessoas que a contactaram através da Voz da Esperança e da Escola Bíblica Postal.

A cerimónia fúnebre foi oficiada pelo Pr. Jorge Machado e estiveram presentes alguns dos que trabalharam diretamente com ela, além de muitos irmãos e amigos que a conheceram em vida.

Aguardamos o dia da ressurreição, para de novo encontrarmos, agora já sem doença nem sofrimento, esta nossa querida irmã.

Redação da RA

PORTO



No passado dia 11 de janeiro de 2012, o irmão Fernando Machado Nunes de Pinho descansou no Senhor.

Foi batizado pelo Pastor António Maurício em 18 de maio de 1991 na Igreja Adventista do Porto.

Queremos desta forma manifestar os nossos sentimentos a toda a família,

mais precisamente à sua esposa, a irmã Amélia Pinho, e à sua filha, Antonieta, funcionária do Colégio Adventista de Oliveira do Douro.

Acreditamos que foi com a certeza de encontrar o Salvador, face a face, que o irmão Fernando se despediu de nós.

Álvaro Bastos
Dep. Relações Públicas da IASD do Porto

Falecimento do Pr. Pedro Brito Ribeiro



Faleceu no passado dia 13 de fevereiro, com a idade de 102 anos, o pastor Pedro Brito Ribeiro, antigo presidente da União Portuguesa dos

Adventistas do Sétimo Dia.

Nascido a 4 de junho de 1909 em Portalegre, numa família de 7 irmãos de confissão Presbiteriana, teve, além de uma educação cristã, um exemplo de fé e missão na pessoa do seu pai, que era colportor da Sociedade Bíblica e que difundia Bíblias no território português. Esse trabalho, que comportava muitas vezes risco de perseguição e intolerância, era assumido com amor e dedicação pelo pai, o que fez nascer no Pedro o mesmo amor pela Palavra de Deus. Na sua adolescência, e trabalhando no comércio, o Pedro percorria as ruas de Portalegre cantando o hino “O Som do Evangelho: Santa paz e perdão”.

A mensagem Adventista chegou à cidade de Portalegre através de uma série de conferências proferidas na década de 20 do século passado pelo pastor Paul Meyer. Pedro Brito Ribeiro aceitou então a mensagem do Advento com mais duas das suas irmãs. Em 1926, com 17 anos, iniciou-se juntamente com a sua irmã Isabel no trabalho da Colportagem, e um ano mais tarde seguiu para o seminário Adventista em Collonges-sous-Salève, França, onde, durante 4 anos, estudou Teologia. Foi ali que, em 1928, foi batizado pelo pastor Alfred Vaucher, na cascata do Salève. Os seus estudos foram custeados graças ao trabalho de colportagem que desenvolveu em Portugal e em Espanha.

Concluídos os seus estudos, regressou ao nosso país em 1932 e, após alguns meses na colportagem, começou a exercer o ministério pastoral. Em 1934 foi nomeado Secretário-Tesoureiro da então Missão Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia que, um ano mais tarde, passou para Conferência dos Adventistas do Sétimo Dia e, depois, União Portuguesa

dos Adventistas do Sétimo Dia, tendo desempenhado essa função até 1943.

No mesmo ano de 1934 contraíu matrimónio com a jovem Irene da Nave Polónio (com então 17 anos).

Apesar das suas funções administrativas, o pastor Pedro Brito Ribeiro acompanhou sempre a obra das publicações, primeiro com a Sociedade Filantrópica Internacional, depois com a Sociedade Filantrópica Adventista e, mais tarde, em 1941, com a Publicadora Atlântico, da qual foi o primeiro gerente. Colaborou ainda no trabalho de evangelização em várias igrejas na área de Lisboa.

Em 1943, em plena segunda guerra mundial, assumiu a direção da Missão da Madeira, onde permaneceu até 1949. Consagrado ao ministério pastoral



em 1946, voltou a assumir, a partir de 1949, o cargo de Secretário-Tesoureiro da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia por mais 14 anos, continuando ligado ao trabalho evangelístico, o que lhe permitiu iniciar as igrejas de Alvalade, Odivelas e Cova da Piedade. Foi ainda presidente interino da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, sendo nesse período o único executivo da mesma.

Em 1963, seguiu para África, onde foi presidente da União de Moçambique durante 7 anos. Regressou a Portugal por motivos de saúde, onde pastoreou duas igrejas: a igreja de Odivelas (durante 7 anos) e a igreja de Lisboa-General Roça-

das (durante 4 anos). Em 1983, voltou a sentir o apelo de África e durante dois anos foi pastor da igreja portuguesa de Joanesburgo, na África do Sul.

Mais uma vez regressou a Portugal, onde, além de ter pastoreado a igreja de Torres Vedras durante dois anos, esteve também ligado ao projeto do Colégio de Pero Negro, que não teve continuidade por empecilhos legais.

A sua esposa, que o acompanhara durante 67 anos, faleceu em 2001, e o pastor Pedro Brito Ribeiro prosseguiu a sua merecida reforma, nunca deixando de escrever, enquanto pôde, alguns artigos para a revista Sinais dos Tempos e Revista Adventista.

A sua vida de dedicação ao ministério em várias áreas da Igreja constitui um exemplo e motivação daquilo que cada um de nós pode fazer pelo Mestre, ao sentir que, quando “o amor de Cristo nos contrange”, não existem limitações que nos impeçam de realizar o ministério que de antemão Deus preparou para cada um.

O serviço fúnebre teve lugar na igreja de Lisboa-Central e foram oradores os pastores Jorge Machado, ministerial da União, Rúben de Abreu, secretário da mesma, e Eduardo Teixeira, presidente.

Os amigos e familiares presentes cantaram alguns cânticos que o pastor Ribeiro apreciava.

Ao filho, Dr. Samuel Ribeiro, à nora, irmã Vitalina Ribeiro, aos netos e bisnetos e demais familiares, apresentamos os nossos sinceros votos de ânimo e forças no Senhor, para enfrentar estes momentos dolorosos. Desejamos que a bem-aventurada esperança que enchia o coração do Pastor Brito Ribeiro encha também o coração desses queridos familiares.

Certamente que o pastor Pedro Brito Ribeiro ouvirá na manhã da ressurreição as palavras de Jesus: “Bem está, servo bom e fiel, sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te constituirei.”

Pr. Artur Machado
Dep. de Comunicação

Assembleia Administrativa

Uma ocasião para festejar e louvar o Senhor



Ao aproximar-se o momento da realização de mais uma sessão da Assembleia Administrativa da nossa União, a Revista Adventista achou por bem dar a palavra ao Pastor Carlos Puyol, homem de fé e de ampla vivência pastoral, administrativa e letiva na Igreja, bem conhecido da Igreja em Portugal, a fim de que partilhasse connosco a sua visão deste evento e do que ele representa para a vida da Igreja no nosso País.

RA: Desde cedo, a Igreja sentiu a necessidade de se organizar administrativamente. De onde partiu essa necessidade?

Carlos Puyol: A Igreja cristã não é simplesmente o resultado da vontade associativa, por razões religiosas, dos homens; não é uma eventualidade histórica, um fenómeno de aculturação. A Igreja é uma realidade histórica criada por vontade divina. Pela sua vocação, pela sua origem, pelos objetivos sociais, morais e espirituais que persegue, a Igreja vem de Deus, tem origem divina.

Mas a Igreja é, ao mesmo tempo, uma realidade humana, tem uma estrutura social, é uma comunidade humana que deve realizar-se na História e, por isso, desde os seus começos, necessitou de um sistema de governo, uma organização que seja responsável por assegurar o cumprimento da sua missão.

A noção de Igreja (*ekklesia*) usada no Novo Testamento tem uma conotação institucional que implica não só uma estrutura social, mas também uma organização e uma ordem jurídica. Essa organização encontramos-la já estabelecida no Novo Testamento (Atos 1:15; 8:14; 9:27; 15:4, 22 e 23). Paulo é o primeiro a apresentar o argumento implícito da necessidade de uma organização que garanta a pregação do evangelho no mundo (Rom. 10:13-15).

A organização e administração da Igreja do primeiro século tornam-se ainda mais evidentes na existência, no reconhecimento e no exercício dos ministérios (Efé. 4:11) e da autoridade eclesiásticos, na aplicação da disciplina (Mat. 18:15-18; II Tes. 3:6, 11, 12, 14 e 15) e na custódia e preservação de um credo (II Tim. 6:3).

No que respeita à origem da organização e administração da Igreja Adventista, os começos foram objeto de controvérsia e debate. Dado que o movimento millerita, de onde procediam os Adventistas do Sétimo Dia, tinha sido contrário ao estabelecimento de uma organização e nunca chegou a constituir-se como Igreja, os primeiros Adventistas participaram desse mesmo espírito, argumentando que a organização os faria cair no formalismo, perderiam a liberdade individual dos crentes, poderiam chegar a formar parte de Babilónia e a ter vínculos desagradáveis com o Estado. Mas o coletivo Adventista do Sétimo Dia crescia e, de 1851 a 1863, os pioneiros começaram a falar da “ordem evangélica”, atribuíram credenciais aos pregadores que iam ministrar em novas comunidades e Ellen White defendia uma organização, segundo o modelo evangélico, que respondesse ao crescimento da Igreja, ao sustento económico do ministério e que pudesse assegurar a propriedade dos edifícios da Igreja.

Primeiro, a casa editora dirigida pelo marido de Ellen White passou a chamar-se “Seventh-day Adventist Publishing Association”; depois, a igreja de Parkville, no dia 13 de maio de 1860, constituiu-se em associação religiosa legal; mais tarde, em 16 de outubro de 1861, criou-se a primeira federação de igrejas no estado do Michigan, à qual se seguiram mais quatro noutros estados da América; e, finalmente, no dia 21 de maio de 1863, em Battle Creek, Michigan, depois de uma década de debates e polémicas, os delegados de seis federações reuniram-se para organizar a primeira Conferência Geral dos

Adventistas do Sétimo Dia, promulgando os primeiros estatutos que regeram o funcionamento administrativo da nossa Igreja.

Mais tarde, entre os anos 1882 e 1897, viria a descentralização da administração, através da organização dos oito distritos da Conferência Geral que agrupavam as diversas federações e cujos presidentes eram membros da Conferência Geral. Foi no congresso mundial de 1901 que se organizaram as uniões de federações e missões, em diferentes partes do mundo, se transformaram em departamentos as organizações independentes da Conferência Geral, se consolidou a autonomia dos conselhos das federações compostos por obreiros locais e se criou uma ligação orgânica entre todas as organizações da administração, do modo como funcionam hoje. Finalmente, em 1918, os distritos ou divisões de federações da Conferência Geral foram abolidos e, em 1922, estabeleceu-se o modelo atual das divisões como seções do Conselho Executivo da Conferência Geral, com responsabilidade nos seus territórios respetivos.

RA: *Como Adventistas, temos a convicção de que Deus conduziu e abençoou o desenvolvimento da Igreja até à atualidade. Que valor tem, para si, a organização mundial do movimento Adventista? Seria possível cumprirmos o nosso papel sem ela?*

CP: A direção divina da Igreja cristã através dos séculos é uma promessa do próprio Jesus Cristo (Mat. 16:18) e um facto inquestionável e surpreendente da história da humanidade. Como é que foi possível, durante mais de vinte séculos, a Igreja de Cristo ter prevalecido e sobrevivido a todas as crises políticas, sociais, económicas, guerras, correntes culturais contrárias, cismas, ataques e apostasias que a sacudiram? Como explicar a sua realidade atual no mundo, a sua relevância e a sua obra, senão admitindo que a providência divina a protegeu, preservou, inclusivamente de si mesma, e a trouxe até aqui? Como



91 delegados reuniram-se para a 27ª sessão da Conferência Geral em 1888 em Minneapolis, Minnesota.

o Senhor disse da Sua Palavra, pode dizer-se da Igreja de Cristo: “Toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; mas a palavra do Senhor permanece para sempre...” (I Pedro 1:24 e 25).

A história muito mais recente da Igreja Adventista do Sétimo Dia também é um testemunho poderoso da providência divina. A sua origem foi providencial, porque nasceu, por vontade divina, num país que propiciou e favoreceu o seu desenvolvimento e a sua missão até ao momento, possibilitando a pregação da sua mensagem escatológica. A América foi, no século XIX, a terra que reconheceu na sua Constituição (Declaração de Independência) as liberdades individuais, que recolheu o maior contingente de imigrantes de todo o mundo, que teve um desenvolvimento económico surpreendente e que, devido ao seu isolamento, se viu livre das guerras devastadoras que assolaram a Europa. Nesse contexto único nasceu e desenvolveu-se a nossa Igreja. Diz o famoso historiador francês do Protestantismo, Emile G. Léonard:

“O protestantismo norte-americano possui as seguintes qualidades importantes: fidelidade às origens, amor pela verdade e gosto pela liberdade.

O povo norte-americano tem, como se sabe, o sentido da eficácia e da organização, o qual deu lugar a uma teologia pragmática e a uma eclesiologia de homens de negócios, na qual os meios materiais, a imprensa, a publicidade e os conselhos têm um lugar considerável: cada civilização cria formas eclesiásticas apropriadas ao seu génio particular” (*Histoire du Protestantisme*, Collection Que sais-je?, PUF, 1960, p. 114).

A organização e a administração da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inspiradas pelos escritos e pela influência pessoal de Ellen G. White, o sistema de governo, a estrutura eclesiástica, as normas de administração financeira, marcadas por um conservadorismo por vezes incompreendido mas sábio, o princípio bíblico do dízimo e a liberalidade sistemática praticada pelos membros da Igreja, a sua técnica orçamental ajustando os recursos aos gastos e o seu sistema de remuneração dos empregados denominacionais, têm sido um verdadeiro escudo providencial contra os vaivéns das crises económicas que o mundo ocidental viveu e um motor de crescimento e de expansão geográfica.

Sem a organização e a administração eclesiásticas que nos tem caracterizado, teria sido difícil cumprir a ordem perentória que Deus designou para o nosso povo. Segundo o testemunho de outras confissões religiosas que rivalizam conosco no programa missionário mundial, os Adventistas têm sobre elas a vantagem da firmeza dos nossos princípios administrativos.

RA: Quais são os diversos níveis da Igreja mundial?

CP: Na organização e administração da Igreja Adventista do Sétimo Dia há um sistema piramidal que tem quatro níveis constitutivos:

1) Na **base da pirâmide** estão os **membros de igreja**, que constituem **igrejas locais** organizadas. O indivíduo só tem capacidade de atuação eclesiástica numa e através de uma congregação devidamente organizada.

2) O nível eclesiástico seguinte é a **Associação**, conferência, federação ou **missão local**, constituída por um certo número de igrejas locais, num determinado território.

3) O terceiro nível é a **União** de associações ou missões, que governa um território maior. De há uns trinta anos para cá existe também a figura administrativa da **União de**

Igrejas, que, organicamente, é uma associação, mas sem a dependência direta de uma união; vinculada a uma divisão, foram-lhe conferidas as mesmas faculdades e representação que têm as uniões de associações. Embora, no início, esta figura tivesse caráter provisório, como um degrau intermédio entre a associação e a união, com o tempo mostrou ser a unidade administrativa mais conveniente para pequenas uniões onde a divisão em associações seria excessivamente dispendiosa, tanto em recursos económicos como em efetivos humanos. Hoje existem uniões de igrejas na Divisão Euro-africana e na Sul-americana.

4) No quarto nível, no vértice da pirâmide, a unidade maior da organização é constituída pela Conferência Geral, integrada por todas as uniões do mundo. As **divisões** não são um degrau intermédio entre as uniões e a Conferência Geral, mas sim setores territoriais desta, com responsabilidade administrativa designada para uma zona geográfica.

Nesta estrutura, a voz dos delegados num Congresso mundial da Conferência Geral é a **autoridade suprema**, depois de Deus, no governo terreno da Igreja. Quando se manifestam divergências nas organizações e instituições, quando se propõem alterações ao manual da Igreja, quando se trata de aceitar na irmandade da Igreja mundial novas uniões ou divisões, só o Congresso quinquenal da Conferência Geral está capacitado para assumir tais responsabilidades. É a voz soberana da Igreja, apenas limitada pela autoridade da Palavra de Deus. Ellen G. White defendeu sempre este princípio de autoridade: “Fui muitas vezes instruída pelo Senhor de que o juízo de homem algum deve estar sujeito ao juízo

de outro homem qualquer. Nunca deve a mente de um homem ou de uns poucos homens ser considerada suficiente em sabedoria e autoridade para controlar a obra, e dizer quais os planos que devam ser seguidos. Mas quando, numa assembleia geral, é exercido o juízo dos irmãos reunidos de todas as partes do campo, independência e juízo particulares não devem obstinadamente ser mantidos, mas renunciados. Nunca deve um obreiro considerar virtude a persistente conservação da sua atitude de independência, contrariamente à decisão do corpo geral” (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, p. 408).

RA: A União Portuguesa é uma União de Igrejas, que está inserida na Divisão Euro-Africana, da qual o pastor já foi Secretário. O que é uma Assembleia Administrativa de uma União de Igrejas? Quais são as suas principais funções e competências?

CP: A Assembleia Administrativa de uma União de Igrejas (GC Working Policy, D 17, art. II, Constituency Meeting), composta pelos delegados de todas as igrejas, pelos representantes dos empregados denominacionais e pelos membros presentes da Divisão ou Conferência Geral, é o órgão de governo coletivo mais importante dessa secção, ou unidade da Igreja Adventista mundial. Sobre ela repousa toda a **au-**



Estrutura Organizacional

toridade administrativa da União por um período de cinco anos. Está capacitada, em harmonia com os modelos propostos pela Conferência Geral, para determinar os **Estatutos e Regulamentos** (*Constitution and Bylaws*) que, como base jurídica eclesiástica, servirão de norma administrativa diretora da União; é sua função decidir todos os **cargos eletivos** da União: representantes legais, administradores (*officers*) e membros do Conselho Executivo e dos Conselhos diretivos das Instituições da União; é-lhe reconhecida a competência para outorgar, renovar ou anular as **credenciais** de todos os obreiros denominacionais da União e, finalmente, tem a função de **avaliar todos os relatórios** dos responsáveis da administração, dos departamentos e das instituições, e de projetar as **atividades**, os **planos** e os **projetos** da União durante o próximo quinquênio.

RA: Qual deve ser, na sua opinião, o principal objetivo de uma Assembleia Administrativa?

CP: Como diz o texto de Jeremias 6:16: “Ponde-vos nos caminhos, e vede e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele...”, a Assembleia Administrativa de uma União representa uma paragem no caminho, a **introspeção** do andamento da União, a avaliação das suas realizações e das suas tendências, a renovação dos seus objetivos, a autocrítica e o reconhecimento e correção dos seus erros, se os houve. Sem dúvida, é a procura humilde e esperançosa da **aprovação divina**. Mas o texto também diz “andai por ele”, quer dizer, é o momento de fazer **prospeção** do futuro imediato da União, de traçar novos planos e itinerários, de renovar as equipas de trabalho e de pôr em andamento projetos que renovem a motivação, o entusiasmo e as forças da Igreja. Noutras palavras, é a procura diligente e confiante da **direção divina**.



AC — EGWBC



À direita, sessões de CG, Auditório de exposição em San Francisco, Califórnia, em 1936. À esquerda, sessão no Edward Jones Dome em St. Louis, Missouri, em 2005.

RA: Que tipo de intervenientes estão presentes numa Assembleia Administrativa como aquela que vamos ter dentro de pouco tempo, e quais as suas prerrogativas?

CP: Se entendo bem a pergunta, e como já disse antes, os intervenientes numa Assembleia Administrativa são todos os membros de Igreja que foram acreditados como delegados com capacidade de voz e de voto, os escolhidos pelas igrejas da União e pelos vários corpos de obreiros: pastores, educadores, col-

RA: A Assembleia Administrativa vota a nomeação dos responsáveis da Igreja para o quinquênio que se inicia, sob proposta de uma Comissão de Nomeações. Como é que essa comissão é escolhida? E como é que, geralmente, funciona?

CP: Um dos primeiros trabalhos de uma Assembleia Administrativa, concluídos os assuntos constitutivos prévios (acreditação dos delegados, contagem do *quórum*, aceitação na comunidade eclesiástica da União

Segundo o testemunho de outras confissões religiosas que rivalizam connosco no programa missionário mundial, os Adventistas têm sobre elas a vantagem da firmeza dos nossos princípios administrativos.

portores, missionários acreditados; os delegados *ex officio* em função dos seus cargos e os representantes das organizações superiores que estejam presentes (*Delegates at large*, ou complementares, *WP*, D 17, art. III, 1 b, *Representation*).

Só os delegados regulares acreditados pela Secretaria da União e presentes na sessão da Assembleia têm a faculdade de intervir administrativamente, participando nos debates, formando parte das comissões de trabalho e exercendo o direito de votar propostas que venham destas. A participação dos delegados, cumpridas as exigências do *quórum*, é unicamente pessoal, não por delegação nem procuração. O direito de veto de uma proposta só pode ser exercido quando se tratar de questões que escapam às competências próprias de uma Assembleia Administrativa de União.

das novas igrejas, votação dos delegados complementares, etc.), é a formação da **Comissão Preparatória** (*Organizing Committee, Idem*, art. IV, 1), composta por delegados representantes das igrejas e do corpo de obreiros da União, segundo o procedimento e a percentagem que cada União estabeleça nos seus Estatutos. Esta comissão tem a missão de propor os membros das **comissões de trabalho** de uma Assembleia: Comissão de nomeações, Comissão de estatutos e regulamentos, Comissão de credenciais, e qualquer outra que se considere oportuna. O número e composição destas comissões estão geralmente estabelecidos nos Estatutos e Regulamentos da União.

Depois de votada pelos delegados, a Comissão de nomeações reunir-se-á imediatamente, presidida pelo presidente da Divisão ou pela pessoa em quem ele delegue. A primeira

proposta que esta comissão fará aos delegados da Assembleia será a da nomeação do Presidente da União, o qual, depois de votado, passará a formar parte da Comissão como Conselheiro, sem direito a voto. Na sua presença e sob seu conselho, a Comissão de nomeações procederá à nomeação dos outros oficiais da União, dos diretores dos departamentos, dos membros do Conselho Executivo da União e dos membros dos conselhos diretivos das instituições (nalguns casos, estes conselhos são nomeados pelo Conselho Executivo da União, na sua primeira reunião ou convocatória).

RA: *Quem escolhe os Delegados das igrejas locais são os membros de cada igreja local. Quais são as principais funções desses Delegados?*

CP: Os delegados das igrejas são escolhidos por cada igreja local, segundo os procedimentos estabelecidos no **Manual da Igreja**, na secção “Escolha dos Delegados à Assembleia da Associação ou Missão”. Este procedimento é vinculativo e não pode ser substituído por qualquer outro.

Depois da convocatória pública, por parte do Conselho Executivo da União, da celebração de uma Assembleia Administrativa, as igrejas devem proceder imediatamente à eleição dos seus delegados, de acordo com a percentagem que esteja estabelecida nos Estatutos da União e seguindo o procedimento indicado no manual da Igreja. Com suficiente antecedência, as listas de delegados serão enviadas para a Secretaria da União para sua acreditação, para o envio aos delegados da Agenda da

Assembleia, dos relatórios gerais e de qualquer informação que se considere pertinente. Os delegados deveriam, então, em face do que tenham recebido, fazer propostas para a Agenda da Assembleia e para as comissões de trabalho, que serão filtradas primeiro pelos Conselhos de igreja e depois pelo Conselho Executivo da União.

RA: *O pastor Puyol, como membro de igreja, pastor, responsável de união e secretário da Divisão, participou em dezenas de Assembleias, em diversos países. O que nos pode dizer dessa experiência?*

CP: Desde os 20 anos (e já tenho 73) que participo como delegado leigo, pastor, professor ou administrador nas sessões gerais administrativas da Igreja Adventista do Sétimo Dia: Assembleias de Associação, Assembleias de União, Conselhos Anuais e Sessões quinquenais mundiais da Conferência Geral. A minha primeira impressão sempre foi um sentimento de reconhecimento e de admiração da capacidade administrativa da nossa Igreja, da sua excelente organização, dos seus sistemas de governo e de trabalho administrativo e da sua liderança competente e exemplar. Mas, em cada Assembleia administrativa, senti a presença do Espírito Santo e apreciei a dimensão e o conteúdo espirituais desses encontros, a sua perspectiva profundamente religiosa, que projetava o aqui e o agora da realidade histórica da Igreja para um plano de aspirações transcendentais e de objetivos espirituais. A forte estrutura organizativa da nossa Igreja nunca foi paralisada,

nem desviada, nem inibida a sua visão altruísta e ultraterrena da missão, nem a sua bem-aventurada esperança na Segunda Vinda. De cada sessão de trabalho administrativo nunca saí defraudado, confuso ou desanimado; sempre voltei ao meu ministério fortalecido, estimulado, esperançoso.

RA: *Como é possível transformar uma Assembleia Administrativa numa experiência espiritual, pessoal e coletiva, de consagração e adoração ao Senhor?*

CP: Com frequência se tem discutido, no nosso meio, a alternativa de fazer das Assembleias sessões exclusivamente administrativas de curta duração, nas quais se tomariam unicamente os acordos relativos à renovação das equipas, à reforma das estruturas e às questões jurídicas, ou então, que a Assembleia tenha, além desse aspeto administrativo, um forte conteúdo espiritual, de reavivamento e reforma, de festa e de encontro fraternal e, nalguns casos, de testemunho evangelizador.

Pessoalmente, sempre preferi a segunda opção, porque estou convencido de que toda a atividade da Igreja, seja de que tipo for, deve ter sempre uma dimensão e uma projeção espiritual, porque somos uma Igreja, porque não somos simplesmente mais uma organização social, porque os objetivos espirituais e a evangelização são a nossa razão de ser no mundo.

Para que uma Assembleia se converta numa experiência espiritual para os crentes, deve preparar-se, com muita antecedência e com mui-

to cuidado, o programa da Assembleia. Deve escolher-se bem o lema da Assembleia, determinar os temas que desenvolverão esse lema, procurar os oradores ou o orador convidado, preparar a música da Assembleia e organizar as atuações dos jovens, os testemunhos, as experiências

“Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças convirjam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ almas confusas, desencaminhadas, perdidas. Erguei-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde

Confiem uns nos outros, como povo de Deus, como família espiritual, porque unidos e consagrados poderão terminar a obra e ser participantes da bem-aventurança que foi prometida aos que amam e reverenciam Deus.

e os relatórios que mostrem que Deus está presente no seio do Seu povo. Em Barcelona, creio que foi em 1977, com o lema “Vem Senhor Jesus”, organizámos uma curta campanha de evangelização à noite, num salão público, sobre a esperança na Segunda Vinda, acompanhada por uma exposição monográfica de pintores adventistas e, é óbvio, não faltaram uma ordenação ao ministério e uma cerimónia batismal. Em Sagunto, em 1994, os distritos eclesiais regionais montaram *stands* onde se exibia o que a Igreja estava a fazer nesse território. Também houve uma exposição de pintura e diversos concertos e encenações de jovens. Deve procurar-se que a Igreja “vibre” numa Assembleia Administrativa e, como é evidente, prevê-se que não estejam presentes só os delegados.

RA: O tema escolhido para a Assembleia deste ano é “Celebrar a Cristo: na minha vida, na minha família, na Sua Igreja”. O que lhe inspiram estas palavras?

CP: O lema escolhido é excelente, e pode dar um carácter cristocêntrico a toda a Assembleia. Não esqueçamos do que diz Ellen G. White:

Àquele que ‘vos amou e Se entregou a Si mesmo por nós’. Efé. 5:2. Seja a ciência da salvação o tema central de todos os sermões, de todos os hinos. Seja ela manifestada em todas as súplicas. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todos os crentes. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador” (*Obreiros Evangélicos*, p. 160).

Se há um caminho que nos garante a todos um final feliz, que, de modo algum, seja incerto ou equivocado, que não nos defraude nem dececione é o que nos leva a Cristo Salvador: O verdadeiro caminho, a verdade e a vida. O apóstolo Pedro, num momento em que as palavras de Jesus já não agradavam às multidões e muitos O abandonavam, respondeu à pergunta do Salvador: “Quereis vós, também, retirar-vos?”, dizendo “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:67 e 68). As polémicas doutrinárias convencem-nos, comprometem-nos ou defraudam-nos, mas, acabam por

passar, por perder importância; os sectarismos, as lutas interconfessionais, os projetos denominacionais, por muito convenientes que os consideremos, criam-se, envelhecem e morrem; tudo na vida pode chegar a ser vaidade e aflição de espírito, se estiver despojado da procura de Cristo e da Sua aprovação. Só Jesus preenche o vazio da alma, só Ele é o mesmo ontem, hoje e eternamente, só Ele permanece para sempre, só Ele é o nosso intercessor na presença do Pai.

RA: Gostaríamos de o convidar a deixar uma mensagem à Igreja em Portugal, que tanto o respeita e aprecia.

CP: Meus queridos irmãos,

Confiem no Pai que está nos Céus, que não está escondido nem fica indiferente ao que nos acontece, mas que contempla com dor a triste situação deste mundo que Ele criou por amor.

Confiem em Jesus, o nosso Salvador, que deu a Sua vida por nós, que nos deu o Seu exemplo, nos assegurou a salvação e a vida eterna e que em breve virá buscar-nos.

Confiem na Santa Palavra de Deus, revelação de Deus e de Jesus Cristo, testemunho da verdade, viva, eficaz e útil para nossa instrução, regeneração e salvação.

Confiem na Igreja Adventista do Sétimo Dia, que representa o remanescente visível de Deus, que restaurou a verdade presente e que vive à espera e na esperança do Salvador.

Confiem nos vossos pastores e servidores da Igreja, porque, ainda que sejam homens e mulheres como vós, vos amam, vos ensinam a Palavra de Deus e, com solicitude, velam pela vossa alma.

Confiem uns nos outros, como povo de Deus, como família espiritual, porque unidos e consagrados poderão terminar a obra e ser participantes da bem-aventurança que foi prometida aos que amam e reverenciam Deus. ✨

• **Paulo Sérgio Macedo**,
chefe de Redação da P. SerVir

Saber Consolidar:

A Integração

{II Parte} da Fé

A integração da fé nas aulas no CAOD

Partilhando da máxima de que é nas organizações educativas cristãs que se aprende a ser professor cristão, as duas Jornadas Internacionais de Educação Adventista, referidas anteriormente, contribuíram para a conjugação dos papéis e das responsabilidades pertencentes à Igreja. Conforme dissemos no artigo anterior, depois da participação nestes tempos e espaços de construção de saber, experiências, de sensibilidades diversas, integradas e focalizadas, os docentes do Colégio Adventista de Oliveira do Douro têm concetualizado, operacionalizado e instrumentalizado diversas práticas no sentido de uma cada vez mais perfeita sintonia com a vontade do Criador. Querendo saber mais das suas práticas, entrevistámos cinco professores, a saber, Pedro Martins, Raquel Martins e Fátima Cardoso (1.º Ciclo do Ensino Básico), Francisco Ferraz e Fernanda Amélia (2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico). Passamos a apresentar o conteúdo dessas entrevistas.

No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, os professores dizem que, para além de terem um momento diário de excelência para a integração da fé – a aula de Bíblia, “o ideal é que este trabalho seja a todo o momento. Ao longo do dia, há imensas oportunidades”. De entre as diferentes áreas curriculares, “o Estudo do Meio é onde se propicia mais a integração total da fé”. A tal ponto que “já a incluímos nas nossas planificações ao nível da unidade didática e do plano de aula. Quando trabalhamos os animais, as plantas, abordamos estes assuntos a partir da Criação feita por Deus, em que todos os alunos, com as suas Sagradas Escrituras, buscam os versículos solicitados para assim compreenderem melhor o amor de Deus”. No que diz respeito à Matemática, “quando estamos a dar, por exemplo, o dobro e o triplo, fazemo-lo a partir da história de Zaqueu. Os alunos acham isto espetacular, pois vão descobrindo que a Bíblia fala de todos os seus assuntos. Isto potencia, diretamente, o desenvolvimento espiritual dos nossos alunos”. No que diz respeito à Língua Portuguesa, nota-se que os professores têm uma grande preocupação: ensinar os seus alunos a prosseguirem cursos de leitura que promovam o interesse pela Bíblia, pela oração, pelo relacionamento com Deus. E no que diz respeito ao relacionamento com Deus, a professora Raquel Martins refere que “uma das coisas que temos tentado promover é o momento a sós com Deus. Solicitamos-lhes que acordem uns minutos mais cedo, orem e leiam a Bíblia”.

As experiências têm sido muitas e “muitos deles, não tendo pais adventistas, acordam mais cedo, oram e leem a Bíblia, e quando chegam à escola querem contar o que leram, o que aprenderam, o que partilharam com os seus pais. Isto influencia-nos. A certeza de que os nossos alunos têm de Deus, da Sua intervenção, cuidado e amor por nós, influencia o nosso desenvolvimento espiritual”. Mas, de todo este *continuum*, é a aula de Bíblia que mais marca. E “no presente ano letivo começámos a prepará-las pessoalmente. Está a dar-nos um imenso gosto. A partir de outros manuais adventistas para as mesmas faixas etárias, temos investigado sobre o que apresentar aos nossos alunos segundo as vivências particulares das turmas. Como temos que ser nós a produzir os nossos manuais, estudamos mais, muito mais, e demoramos cerca de 4 horas para preparar a aula de Bíblia. Vamos procurar à Bíblia, aos manuais da Escola Sabatina, aos livros de Espírito de Profecia, à Internet, entre outros”. Todos os dias, entre a primeira e a segunda hora de aulas, durante o período da manhã, estes professores providenciam aos seus alunos quase uma hora de aula de Bíblia e “nunca este tempo prejudicou a aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática”. Um ponto muito importante nestas aulas de Bíblia é o seguinte: “Muitas vezes, sabendo de antemão qual o conteúdo que vamos lecionar a seguir à aula de Bíblia, fazemos a meditação nesse sentido e quando acabamos esta reflexão entramos logo no tema curricular.”

Avançando para algumas práticas com os alunos dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, o professor Francisco Ferraz e a professora Fernanda Amélia têm comportamentos muito elucidativos daquilo que será a integração total da fé na área curricular de História e de Ciências da Natureza.

O professor Francisco Ferraz começa as suas respostas recuperan-

do a exortação que o apóstolo Paulo faz ao jovem Timóteo (II Timóteo 3:14-17) para reconhecer “quão privilegiado sou em cumprir as funções que o Senhor me confiou”. Assumindo-se como transmissor dos conhecimentos da História, diz-nos que “posso e devo franquear as portas do Evangelho aos alunos, integrando a fé no ensino das lições que nos são legadas pela memória dos nossos antepassados, instruindo-os a ponto de compreenderem o presente, perspetivando-lhes um futuro melhor, sob a direção de Jesus Cristo”. Somos da opinião de que a mais bela obra já empreendida pela sociedade é educar. E educar, do ponto de vista das Sagradas Escrituras, significa que a primeira e grande lição é conhecer e compreender a vontade

Somos da opinião de que a mais bela obra já empreendida pela sociedade é educar.

de Deus, o Seu conhecimento, que naturalmente conduz ao ensino e à aprendizagem do Cristianismo prático. É considerar a Bíblia como o livro fundamento, cujo estudo ocupa o lugar mais importante. Por isso, à pergunta sobre o estatuto que a Palavra de Deus ocupa nas aulas de História, o professor Francisco Ferraz diz-nos que “numa disciplina que se estrutura na leitura, interpretação e compreensão de documentos escritos, enquanto suportes de evidências passadas, a Bíblia revela-se aos olhos de todos (professor e alunos), como um instrumento fundamental e, curiosamente, inovador na descoberta e compreensão do passado histórico. A sua pertinência e atualidade, aliadas ao facto de as Sagradas Escrituras não constituírem um documento básico nos programas curriculares para o ensino da História nem na sustentação da sociedade secularizada em que vivemos, despertam uma curiosidade tremenda

nos alunos. Ao mesmo tempo confronta-os com variadíssimas interrogações. Só por si, o apelo ao uso dos textos bíblicos em contexto de sala de aula gera um misto de espanto e redobrada atenção. Assim se lançam os dados para uma descoberta e compreensão alternativas e fundadas nos preceitos bíblicos e divinos, de temas que vão desde a fundação do Mundo à atualidade, de que são exemplos a confrontação dos ideais evolucionistas com os princípios criacionistas, na medida em que o conhecimento profundo de ambos permite aos alunos perceber a forma magnífica como a Ciência se rende à obra maravilhosa do nosso majestoso Criador; a ascensão e queda da poderosa Roma predita pelo profeta Daniel (Daniel 2:40) e cuja estrutu-

ção social se percebe, por exemplo, no diálogo entre o apóstolo Paulo e o tribuno, já após a sua prisão (Atos 22:26-28); a revelação dos Atos dos Apóstolos na estruturação da Igreja do primeiro século e na difusão do Cristianismo pelo Norte de África, Próximo e Médio Oriente e Europa, sustentada durante toda a Idade Média, e cuja dispersão territorial se alargou ao continente americano e ao Extremo Oriente, por obra dos portugueses, nos séculos dos Descobrimentos; até aos escritos adventistas, reveladores das mensagens de Ellen White a propósito da Reforma Protestante e do surgimento e da expansão da nossa Igreja, bem como da própria instituição do Adventismo em Portugal, anterior à Implantação da República, e que permite melhor compreender a liberdade religiosa vivida com a mudança de regime político em 1910, obscurecida durante o Estado Novo e recuperada após o 25 de abril de 1974, bem pa-

tente, ressalte-se, na fundação e no crescimento do Colégio Adventista de Oliveira do Douro”.

Uma das tarefas mais importantes num colégio cristão, neste caso Adventista do Sétimo Dia, é a planificação da integração da fé. É mesmo fundamental que assim seja. Na mesma linha do verificado até agora, também a professora Fernanda Amélia nos diz: “nas áreas disciplinares de Ciências da Natureza e Ciências Naturais do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, planifico, ao nível da unidade didática e do plano de aula, o criacionismo, a educação ambiental, a educação para a saúde e a biotecnologia a partir da cosmovisão bíblica.” Fá-lo dado que tem bem presente a necessidade de prover um fundamento, um contexto, uma base de avaliação para o conhecimento da sua disciplina. No que diz respeito ao criacionismo, diz-nos: “desenvolvo a visão bíblica da Criação. Nas minhas aulas o aluno é levado a refletir sobre o planeta Terra e as suas características especiais, que permitem a existência de seres vivos, e como estes, por sua vez, possuem um plano estrutural que pressupõe a necessidade de um Criador, sempre interessado e envolvido com as Suas criaturas.” No que respeita à educação ambiental, diz: “abordo a visão cristã de que o mundo natural é o resultado da atividade de Deus que, ao criar o Homem, o colocou na Terra para cuidar dela. O aluno é levado a preocupar-se com a proteção e a conservação da Natureza, não ficando indiferente a este assunto. Relativamente à educação para a saúde, apresento a filosofia adventista sobre a alimentação equilibrada e saudável, as drogas, incluindo o tabaco e o álcool, e a sexualidade. O aluno é levado a compreender como a perspetiva bíblica se enquadra perfeitamente com as recentes descobertas científicas sobre alguns destes assuntos. Face à biotecnologia, procuro mostrar a visão adventista sobre certos assuntos delicados em que, por vezes, a Ciên-

cia e a Religião estão em desacordo, como, por exemplo: clonagem, técnicas de reprodução humana assistida, mães de aluguer, bancos de esperma, fecundação *in vitro*, congelação de embriões e aborto. Neste sentido, procuro, através das minhas aulas de Ciências da Natureza/Naturais, que o aluno reconheça que o Universo e, conseqüentemente, o planeta Terra e todos os seres vivos, foram criados por Deus e por Ele são mantidos, que compreenda que as condições de vida no nosso Planeta têm vindo a degradar-se devido ao progresso da humanidade e ao avanço da tecnologia. Por isso, deve tomar uma posição para favorecer o equilíbrio dos ecossistemas, procurando contribuir para a resolução dos problemas reais da sociedade, de forma a possibilitar uma gestão sustentável dos recursos e a criação de condições ideais para um viver saudável; que conheça e compreenda os vários fenómenos biológicos, nomeadamente, do seu próprio organismo, bem como a melhor forma de o manter; que aumente a sua autoestima, respeito próprio e preservação do equilíbrio dinâmico da sua saúde, bem como do seu semelhante, visando uma melhor qualidade de vida; e que se questione sobre o meio em que vive, reconhecendo o seu papel como cidadão e agente de transformação social, tendo Deus como fonte de toda a sabedoria e conhecimento.”

Em todos estes temas nota-se que a professora busca analisar o currículo no estreito caminho de uma interpretação cristã airosa, enérgica e rigorosa. Mas o tratamento do tema da sexualidade é para mim algo que devo relevar. De facto, a sexualidade tem sido alvo de uma atenção muito cuidada dada a pertinência deste assunto no mundo em que estamos. Por isso, para além dos esforços desta professora, “temos contado com o apoio precioso de médicos e pastores adventistas, aos quais muito agradecemos, e que se têm disponibilizado para a realização de colóquios com

os alunos do 9.º ano de escolaridade, respondendo, assim, da perspetiva Bíblica, às suas inúmeras questões sobre o assunto. Referimo-nos à Dra. Isabel Monteiro e aos Pastores António Amorim e Maria da Luz Cordeiro.

Posto isto, nota-se que, em todos os casos enunciados, os professores estão conscientes da urgência e importância deste tipo de abordagem dos conteúdos académicos. Sabem que, numa escola cristã, devem fazer-se todos os esforços para se relacionar os pensamentos de Deus com todos os temas em abordagem, ensinando os alunos a pensar de forma cristã e a ser consistentemente cristãos em todos os domínios da sua vida. Sabem que precisam de ser empreendedores, criativos e inovadores a fim de melhorarem continuamente a sua ação. Sabem que o estudo de respostas para a singularidade das situações que lhes surgem no dia-a-dia escolar seria mais facilitado se pudessem confrontar e construir saber entre pares. Sabem que, para processos e resultados mais consistentes e fiéis com os esperados, é fundamental que se facilitem condições para que o professor “cresça” no conhecimento técnico da sua área de atuação, busque intercâmbio nos seus êxitos e fracassos com outros professores e desenvolva formas efetivas de trabalhar com os outros em cada nível de implementação segundo os temas bíblicos e os valores que subjazem aos assuntos, esperando sempre apoio e interesse. Sabem igualmente que tão nobre e complexo trabalho só pode ser realizado e ter o êxito pretendido se Deus conduzir todas as coisas. Para mim, é um prazer essencial e fundamental à minha existência viver a educação cristã Adventista do Sétimo Dia com os professores deste colégio. Que Deus continue a abençoar os professores. ✨

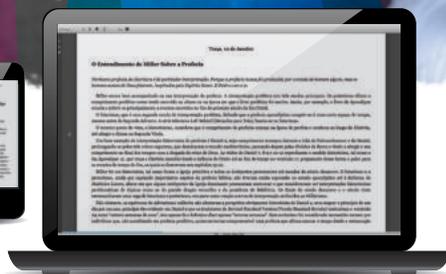
· **Álvaro Ribeiro,**
professor no CAOD

Licenciado em Desporto e Educação Física
Mestre em Ciências da Educação – Área de
Especialização em Administração Educacional

Agora + acessível do que nunca!



O livro de Meditações Matinais *A Não Ser que nos Esqueçamos* já está disponível como livro digital para leitores de e-books, através da loja internacional Amazon!



À venda na loja
Amazon® **amazonkindle**

brevemente na Apple Store®

Disponível para todas as plataformas
PC // Mac // Android // iOS

Siga a Publicadora SerVir
nas **redes sociais**

e descubra **mais títulos** disponíveis!

twitter.com/PSerVir

facebook.com/PSerVir



Publicadora **SERVIR**

Rua da Serra, 1 – Sabugo Tel.: 21 962 62 00
2715-398 Almargem do Bispo Fax: 21 962 62 01
Portugal publicadora@pservir.pt

www.publicadora-servir.pt



Uma visão atual do ministério da mulher

Da violência doméstica ao VIH e sida, do analfabetismo à extrema pobreza, Heather-Dawn Small, diretora do Departamento dos Ministérios da Mulher da Conferência Geral e a sua diretora associada, Raquel Arrais, já viram de tudo. Trabalham para amenizar o fardo das mulheres em todo o mundo, estimular o seu crescimento espiritual, capacitá-las para o evangelismo e também para difundir a esperança num futuro melhor, tanto aqui como na eternidade. Como fazem isso? Sandra Blackmer, editora assistente da *Adventist World*, conversou com Heather e Raquel na sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos, para descobrir os seus métodos e a sua motivação. – Os Editores.

Capacitando Mulheres para o Ministério

Sandra Blackmer: *Falem-nos um pouco sobre a vossa experiência e como vieram a trabalhar no Departamento do Ministério da Mulher da Conferência Geral.*

Heather-Dawn Small: Sou esposa de pastor. Vim de Trinidad e Tobago (América Central). A partir de 1996, fui, durante cinco anos, diretora dos ministérios da mulher e da criança ao nível da união no meu país. Em 2001, Ardis Stenbakken, que na época era a diretora do Departamento dos Ministérios da Mulher da CG, estava à procura de uma associada, e o Conselho Executivo da CG votou o meu nome para ocupar a função. Fui eleita diretora em 2005, quando Ardis se aposentou.

Raquel Arrais: Cresci numa família pastoral e passei grande parte da minha vida a mudar de uma cidade para outra. Casei-me com um pastor e, durante cerca de 20 anos, trabalhei diretamente na educação. Era diretora de uma escola quando Deus me chamou para trabalhar nos Ministérios da Mulher. Servi como diretora associada desse departamento durante cinco anos, na Divisão Sul-Americana e, em seguida, como diretora associada dos Ministérios da Criança durante mais dois anos. Sou diretora associada do Departamento dos Ministérios da Mulher da CG desde 2005.



ANN/Robert East

Heather-Dawn Small, diretora do Departamento dos Ministérios da Mulher da Conferência Geral

Sou apaixonada por este ministério. O meu coração está aqui!

Que mudanças aconteceram nos Ministérios da Mulher desde que começaram a trabalhar nessa área?

Heather: Quando eu comecei a trabalhar na União Caribenha, o departamento dos Ministérios da Mulher era totalmente novo. Fui a primeira diretora. Passei anos a reunir-me com pastores, anciãos e membros da igreja, explicando várias vezes qual era o papel do departamento. Temiam que o objetivo dos Ministérios da Mulher fosse transformar-se num movimento de libertação feminina e não num ministério. Por fim, não foram todas as explicações que demos, mas o que fizemos que ajudou as pessoas a entender e a apoiar-nos. O facto de nos verem a evangelizar, a ajudar as mulheres como pessoas, e envolvendo-as noutros tipos de ministério, mudou a opinião da Igreja.

Hoje, temos muito mais mulheres em cargos de liderança; o que é vital, pois 70 por cento da Igreja mundial é composta por mulheres.

Quando é que o departamento foi criado oficialmente?

Heather: O Departamento dos Ministérios da Mulher foi criado em 1990, sob a direção de Rose Otis. Mas, só na Assembleia da CG de 1995 o Conselho Executivo o votou como um departamento.

Qual é a missão desse departamento?

Heather: Temos três palavras sobre as quais condensamos toda a nossa declaração de missão: **nutrir**, **capacitar** e **evangelizar**. Primeiro, procuramos *nutrir* a mulher, o que envolve o aspeto espiritual, físico, psicológico e emocional. Há muitas mulheres feridas na Igreja, de modo que não podemos dizer a essas mulheres: “Vão evangelizar o mundo”,

se elas estão a enfrentar tremendos desafios pessoais.

Em seguida, *capacitamos*. Neste mundo de desenvolvimento, muitas mulheres não chegaram a frequentar o ensino médio. Por isso, produzimos recursos e materiais de treino para ajudar a capacitar as mulheres através do estudo.

E, finalmente, há o *evangelismo*. Essas três palavras resumem tudo o que fazemos.

Raquel: Se ajudarmos as mulheres a crescer na sua comunhão pessoal com Cristo a um nível mais profundo, elas vão envolver-se mais na missão da Igreja. Quando as mulheres estão realmente nutridas, elas crescem e evangelizam.

Um dos métodos mais eficazes de nutrir e capacitar mulheres é a educação. Se se educa uma mulher, educa-se uma família, uma comunidade. É por isso que, em 1991, o Departamento dos Ministérios da Mulher criou um programa de bolsas de estudo. No ano passado, celebrou-se o vigésimo aniversário desse programa.

Produzimos e publicamos, anualmente, a meditação matinal da mulher, para conseguir recursos que ajudam mulheres a estudar nas 13 divisões da Igreja, e, pela generosidade de tantas pessoas, conseguimos recursos para mais de 1750 bolsas de estudo, em 150 países – mas gostaríamos de fazer muito mais.

Em todo o mundo, inúmeras mulheres têm pouca ou nenhuma oportunidade de ir à escola, têm poucas oportunidades de trabalho e geralmente recebem salários baixos. Só a educação pode livrá-las da pobreza, da violência e da falta de saúde.

Qual é o maior desafio que vocês enfrentam agora?

Raquel: É difícil dizer. Há a violência contra as mulheres, os problemas de saúde, o analfabetismo, a falta de liderança, a necessidade de aconselhamento, o trabalho pesado e tantos outros problemas. O fundamental, porém, é ajudar as mulheres

a desenvolverem um relacionamento pessoal com Jesus, prepará-las para o Seu breve regresso e para seguir o Seu chamado de serviço pelos outros.

Heather: Penso que é ajudar a “acordar” as nossas irmãs. Há muita letargia entre nós, uma ideia de que “Igreja” é só um dia por semana. Lidamos com mulheres que trabalham de mais, estão sobrecarregadas e super stressadas. E, além disso tudo, chegamos junto delas e dizemos: “Vocês precisam de parar e passar um tempo com Deus.” Isso é um desafio, mas temos que fazer de Deus a nossa prioridade.

Raquel: Quando viajamos, onde quer que perguntemos às mulheres: “Qual é o seu maior desejo na vida?”, cem por cento responde: “Quero mais tempo – mais tempo com Deus; mais tempo para crescer na minha comunhão com Ele.” Esse é um problema em todos os lugares do mundo, quer tenham toda a tecnologia ou não.

O vosso trabalho deve ser opressivo, às vezes, não é?

Raquel: Sim, é. Às vezes, chego a casa e choro. Quando tenho que representar todas as mulheres, sinto-me muito pequena e fraca. Mas, uma coisa boa sobre este ministério, é que somos unidas. O sofrimento une-nos. Nós vamos onde elas vivem, ouvimo-las, choramos e alegramo-nos com elas. Então, começamos a compreender o que essas mulheres estão a viver.

Heather: Quando entramos em contacto com essas mulheres, sentimos a sua dor, ela anda connosco. Deus deu às mulheres um coração que se abre, se parte e sente.

Raquel: Mesmo com uma vida de dor e sofrimento, muitas mulheres têm esperança no futuro. Elas usam a sua dor para abençoar.

Podem relatar uma experiência que exemplifique isso?

Heather: Em 2010, fomos a uma aldeia, na Índia, onde o povo é muito pobre. Uma mulher adventista



visita-os, uma vez por semana, para lhes levar alimentos. Já estávamos a chorar mesmo antes de sairmos do carro. As pessoas reconheceram o carro e, quando viram que ele se aproximava, imediatamente fizeram uma fila. Havia muitas crianças nuas e seminuas, deitadas na beira da estrada, com as mães ao lado, segurando bebezinhos. Era de partir o coração! Então, pensei: “*Se eu estou a sentir-me assim, nem imagino como Deus Se sente quando vê os Seus filhos a sofrer!*” Esse nunca foi o Seu plano.

Falem-nos de alguns dos projetos desenvolvidos pelos Ministérios da Mulher.

Heather: Estamos a ensinar as mulheres a fazer sabão e a vendê-lo de porta em porta; ensinamos a fazer manteiga de amendoim e a vender; como usar a máquina de costura; e outras habilidades. A vida dessas mulheres nunca vai mudar, a menos que a sua situação financeira mude, a menos que lhes sejam ensinadas habilidades que as ajudem a alimentar a sua família. E, no processo de ensinar essas habilidades, mostramos-lhes o amor de Deus e o quanto Ele Se importa com elas de um modo tangível.

Um dos programas mais importantes é o “Lares Seguros para Mulheres”, que oferece refúgio a vítimas de violência doméstica. Uma mulher contou-me que o seu marido a agredia fisicamente há muitos anos. A equipa do Lar Seguro ajudou-a não apenas com aconselhamento, mas, também, a começar uma nova vida sozinha. E eu penso: *Senhor, o que aconteceria se não*

tivéssemos esse Lar Seguro no qual o Senhor habita?

Hoje, aquela mulher é uma cristã Adventista do Sétimo Dia batizada.

Vocês devem ver muito sofrimento.

Heather: Sim. Quando eu comecei esse trabalho, o meu objetivo era a formação. Assim, em 2002, participei num grande congresso de mulheres na África do Sul. Lá, encontrei uma jovem que segurava um bebé, que me disse que era portadora do VIH e sida. Ela tinha sido contaminada pelo marido, que já tinha falecido, e o seu médico disse-lhe que ela também morreria dentro de pouco tempo. Agora, ela tinha o seu bebezinho que, louvado seja o Senhor, nasceu sem VIH e sem sida. Ela disse-me: “Vou morrer em breve. Não quer levar o meu bebé?”

Eu tinha aquela preciosa criancinha nos meus braços e pensei: *Sim, eu quero esse bebé! Eu quero esse bebé! Mas, não! Eu não posso levar esse bebé. O que vou fazer?*



Lembro-me de ter ficado ali, sentindo-me absolutamente impotente, e pensei: *O que é que eu vou dizer a esta mulher que está a morrer e que quer ter a certeza de que o seu bebé vai ter um bom lar?* Então, pensei: *a Rede!* Dei-lhe o bebé de novo e disse: “Espera aqui.” Procurei as líderes dos Ministérios da Mulher e disse-lhes: “Preciso de uma assistente social, preciso de alguém que tenha formação em enfermagem e preciso de mulheres bondosas.” No espaço de vinte minutos levámos um grupo de mulheres até àquela mulher. Naquele exato momento, ela pôde falar com uma assistente social e com outra mulher, que iria a sua casa, todos os dias, para



Projeto

das máquinas de lavar (Azerbaijão)

Ir ao encontro das necessidades simples e práticas de famílias pobres na zona rural do Azerbaijão tem-se mostrado uma oportunidade de partilhar a mensagem do evangelho naquele país.

Fazendo fronteira com o Mar Cáspio, entre o Irão e a Rússia, o Azerbaijão tem sido beneficiado pelo crescimento económico causado pela exportação de petróleo, mas a maior riqueza não tem beneficiado todos. Em muitas áreas rurais, até o conforto básico como o aquecimento central e o acesso ao abastecimento de água não existem.

“Mulheres idosas abandonadas e pessoas deficientes são vistas em todos os lugares”, diz Raisa A. Ostrovskaya, diretora dos Ministérios da Mulher na Divisão Euro-Asiática. “Essa pobreza mutilante foi a razão principal da criação do projeto da máquina de lavar roupa.”

Foram recolhidos recursos e doados especificamente para esse projeto, que cobriram os custos de uma máquina de lavar, instalada na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Baku.

As mulheres das famílias com baixos recursos daquela comunidade vêm à igreja, com horário marcado, para lavar a sua roupa. Enquanto esperam que termine a lavagem, aprendem com as mulheres, que são membros da igreja, acerca de Deus e da Bíblia.

O projeto teve tanto sucesso que as líderes dos Ministérios da Mulher de países vizinhos, como a Moldávia, a Geórgia e a Ucrânia, lançaram campanhas de recolha de recursos para realizar um projeto semelhante na sua região.

Mais de setecentos Adventistas do Sétimo Dia reúnem-se em cinco igrejas no Azerbaijão, cuja população é de cerca de nove milhões de pessoas.

cuidar dela e do bebé. Elas encontraram até um casal que estava interessado em adotar a criança – tudo no mesmo dia! Isso só pode acontecer num evento dos Ministérios da Mulher, onde podemos falar umas com as outras, onde suprimos as necessidades e onde as pessoas se unem.

Vocês também patrocinam projetos como o da máquina de lavar (ver quadro). O que é que diriam às pessoas que se podem envolver com tão “pequeno” esforço?

Heather: Se existe uma necessidade, existe um ministério. O que é visto como uma necessidade numa parte do mundo, pode ser visto de maneira diferente noutra. Alguns podem dizer: “Como pode alguém colocar uma máquina de lavar roupa dentro de uma igreja?” Mas quando se percebe o impacto que isso tem causado nas mulheres daquela comunidade, e como isso tem ajudado na aproximação delas conosco, e, por nosso intermédio, a aproximarem-se de Deus – é maravilhoso! Então, sim, queremos máquinas de lavar roupa! Queremos mais máquinas de lavar roupa!

O que é que as leitoras, que não estão oficialmente envolvidas nos Ministérios da Mulher, podem fazer para ajudar?

Raquel: Devem descobrir quais são os seus dons espirituais, as coisas que gostam de fazer e pedir a Deus que lhes mostre como usar esses dons para ajudar os outros.

Heather: Elas não precisam de ter o dom de pregar ou de ensinar. Eu visitei uma igreja onde as mulheres fazem cestas para oferecer a mães cujos bebés morreram ao nascer. Elas reúnem roupinhas bonitas para vestir o bebé para o enterro. Que ministério! E nesse ministério estão envolvidos muitos dons. Uma mulher embala e decora; essa é a sua parte. Outra gosta de fazer renda ou malha. E há aquela irmã que gosta de fazer cartões. Todos esses dons combinados num ministério. Deus usará tudo o que gostarmos de fazer para alcançar outros.

Se os leitores pudessem guardar apenas uma coisa deste artigo, o que deveria ser?

Heather: A necessidade de ligar o seu coração ao coração dos outros. Foi isso que Jesus fez. Se as pessoas não sentirem que nós realmente nos importamos com elas, então perdemos o barco.

Raquel: Jesus valorizou-nos e incentivou-nos. Ele disse que temos valor. Ellen White diz, no livro *Evangelismo*, página 469: “Quando se tem a fazer uma grande e decisiva obra, Deus escolhe homens e mulheres para realizá-la, e ela sofrerá dano, caso os talentos de ambas as partes não se aliem.” Essa é a missão dos Ministérios da Mulher. Nós valorizamos as mulheres e damos-lhes um lugar para expandir os seus dons espirituais.

É nosso dever seguir o exemplo de Jesus e, juntas, terminarmos a obra.

Para saber mais sobre o Departamento dos Ministérios da Mulher da CG, visite <http://adventistwomensministries.org/>

· **Sandra Blackmer,**
editora assistente da *Adventist World*

Ajuste de Contas



O João estava escondido. Já prendera o fio na árvore e agora aguardava que o Pedro passasse por ali.

“Vai pagar o que me fez. Quando eu puxar a corda, ele vai cair”, pensava o João. “É a minha vingança. O Pedro não devia ter estragado o meu barquinho!”

Mas, quando o “inimigo” se aproximou, o João decidiu que o melhor era mesmo falar com ele:

– Estou aqui à tua espera, Pedro. Vem até à minha casa. Tenho um DVD giro... Também podíamos brincar com o meu barco, mas... alguém lhe estragou as velas...

– Fui eu. Desculpa! – disse o Pedro, baixando a cabeça e afastando-se.

Mais tarde, o João encontrou o barco consertado, porque o Pedro pediu ao pai para lhe pôr velas novas.

Fizeram as pazes e nunca mais deixaram de brincar juntos.

A vingança é algo muito mau. Mais cedo ou mais tarde vai acabar por te magoar. Mas se desculpares os outros e souberes pedir desculpa, serás muito mais feliz!

Jesus, certa vez, contou a história de um mordomo impiedoso, que gostou de ser perdoado, mas que não sabia perdoar. Lê a história em Mateus 18:23-35, mas repara bem no que diz o versículo 35 e procura agir desse modo.

Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

mar 2012 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
26	27	28	29 	1 Memoriza João 3:16	2 Esau (Gênesis 25:27-34) Revê a lição da Escola Sabatina.	3 I Samuel 1:1-19 DIA INTERNACIONAL DE ORAÇÃO DA MULHER
4 Ester 4:13-15 Faz a diferença na vida de alguém.	5 Lucas 15:1-10 Agradece a Deus pelo Seu cuidado e amor.	6 Gênesis 1:1-31	7 Salmo 23 	8 Salmo 37:1-6	9 Rebeca (Gênesis 27) Limpa e arruma o teu quarto.	10 Filipenses 4:13 Ora pelo diretor de Jovens da tua igreja.
11 Filipenses 4:19 	12 I Timóteo 2:1-3 Ora pelos teus avós.	13 Colossenses 1:9 e 10 Ora pelos teus colegas de escola.	14 Mateus 24:14	15 II Timóteo 1:3 e 4 Ora pelos/as teus/tuas primos/as.	16 Jacob (Gênesis 31 e 32) Ora pelo/a teu/tua professor/a da Escola Sabatina.	17 I Tessalonicenses 5:17 Ora pelo Pastor e pela sua família.
18 Filipenses 3:7-11	19 Lucas 15:11-32 DIA DO PAI Ora pelo teu pai.	20 Mateus 20:29-34	21 Gálatas 3:26-28	22 Mateus 28:18-20	23 José (Gênesis 39, 41, 43, 45) 	24 Lucas 4:16 Chega cedo à igreja.
25 João 14:1-3 Fazer um desenho de uma história bíblica.	26 João 16:15 	27 II Coríntios 5:14	28 II Coríntios 5:17 	29 Mateus 6:6-13 Ora pelas crianças que não têm comida.	30 Job (Job 1 e 2) Decorar o verso áureo da lição.	31 Isaias 63:7 e 8

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não tenhamos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

Agenda disponível para download em: http://familia.adventistas.org.pt/mcrianca/recur_open.php

Qualquer Um de Nós Poderia Ser... Barrabás

A insurreição não era nada de novo ou de surpreendente, numa região caracterizada por distúrbios constantes: apenas uns quantos zelotes Judeus, cujas desesperadas tentativas de sedição foram rapidamente aplacadas pelos soldados romanos. O seu instigador era um guerrilheiro típico, movido por motivos sobejamente conhecidos: fanatismo religioso, cobiça, desagrado pela opressão. Até ao seu nome faltava importância: “filho do pai” não requereu um grande esforço criativo, da parte dos seus pais. Hoje em dia, seria apenas uma nota de rodapé de uma página, numa extensa lista de terroristas secundários do Médio Oriente, se não fosse o facto de se ter envolvido num julgamento que passou à História como uma paródia da justiça.

Os quatro Evangelhos registaram esta surpreendente história. Pilatos, procurando uma maneira de evitar que o inocente Jesus fosse condenado a uma execução brutal, propõe libertá-lo, como o prisioneiro que se costumava soltar na Páscoa. A multidão recusa a sua oferta e no Seu lugar pede que se liberte Barrabás, “um preso famoso” e que, juntamente com os seus sequazes, tinha sido preso por insurreição e homicídio (ver Mateus 27:16). Pilatos, embora vacile por um instante, concede a petição.

Não seria este mais um acontecimento, num dia cheio de eventos que desafiam a explicação humana? Talvez. Mas o caso de Barrabás tem, também, um significado mais profundo: representa, em pequena escala, as implicações da crucificação de Jesus.

Barrabás, diz-nos o registo bíblico, tinha participado num motim (ver Marcos 15:7). Tinha-se envolvido numa conspiração contra o governo

romano, por isso foi mandado para a prisão. Nós também fomos rebeldes, participámos na grande insurreição de Satanás contra Deus. Tal como Barrabás e os seus sequazes tentaram derrubar o governo romano, nós tentámos usurpar o controlo do nosso mundo ao Deus Criador, que merece a nossa plena adoração. Tal como Barrabás, enfrentamos a pena de morte. Ele está condenado à mesma pena que ameaça Jesus (ver Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, ed. P. SerVir, pp. 591 e 592). Enquanto isso, Jesus é acusado do mesmo crime que Barrabás cometeu. Os sacerdotes acusam-n'O “como pervertedor do povo” (Lucas 23:14). Embora Pilatos considere Jesus completamente

Tal como Barrabás, enfrentamos a pena de morte. O que devemos fazer para obter a liberdade, mesmo sabendo que não a merecemos?

inocente dessa terrível acusação, Barrabás, que tinha realmente cometido esse delito, é libertado e Jesus morre em seu lugar.

Por causa da nossa rebelião contra Deus, merecíamos a pena de morte, justamente. No entanto, nós, que éramos culpados, saímos livres, enquanto Jesus recebeu o cruel castigo: “Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5). Do mesmo modo que aconteceu com Barrabás, foi-nos dada, a nós que somos rebeldes, uma segunda oportunidade de vida, graças ao imaculado Filho de Deus ter sido executado pelos nossos pecados.

Apesar de ter sido objeto dessa enorme oferta, Barrabás continuou a ser um criminoso. Ele não pediu

para ser libertado, e a sua liberdade condicional não solicitada não era devida à sua boa conduta. Não temos provas de que, em algum momento, se tivesse lamentado pelas suas más ações; no entanto, pelo que sabemos sobre ele, é provável que se tenha unido a outro grupo terrorista, imediatamente após a sua libertação. Da mesma forma, Jesus tomou o nosso lugar antes de nos termos arrependido, sem considerar se apreciaríamos o Seu sacrifício ou nos arrependeríamos. “Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8). A Sua decisão de Se tornar no nosso Substituto não foi tomada, nem com base nos nossos atos justos, nem no nosso desejo de nos salvarmos, mas sim no Seu amor por nós.

Talvez seja mais do que uma mera coincidência que Barrabás tivesse o nome genérico “filho do pai”. Ele poderia ter sido um de nós, porque todos somos filhos ou filhas de um pai. Desta maneira, Barrabás, converte-se num símbolo surpreendente de todos os indivíduos, filhos de um pai e do Pai, todos rebeldes que mere-

cem a morte. Mas, milagrosamente, o Filho do homem e Filho de Deus, inocente, é acusado do nosso crime e recebe o nosso castigo, permitindo-nos, não somente escapar à morte, mas também tornarmo-nos livres.

Barrabás, um instrumento ignorado nos planos dos líderes religiosos, esteve, provavelmente, tão ocupado nesse dia a desfrutar da sua inesperada liberdade, que não se apercebeu do profundo significado desse evento. Deve ter continuado a sua carreira de delito e insurreição, sem mesmo ter refletido sobre o Homem que tinha ocupado o seu lugar e que lhe tinha dado uma nova oportunidade de vida.

Contudo, existe esperança para o “filho do pai”, na sua história. ✦

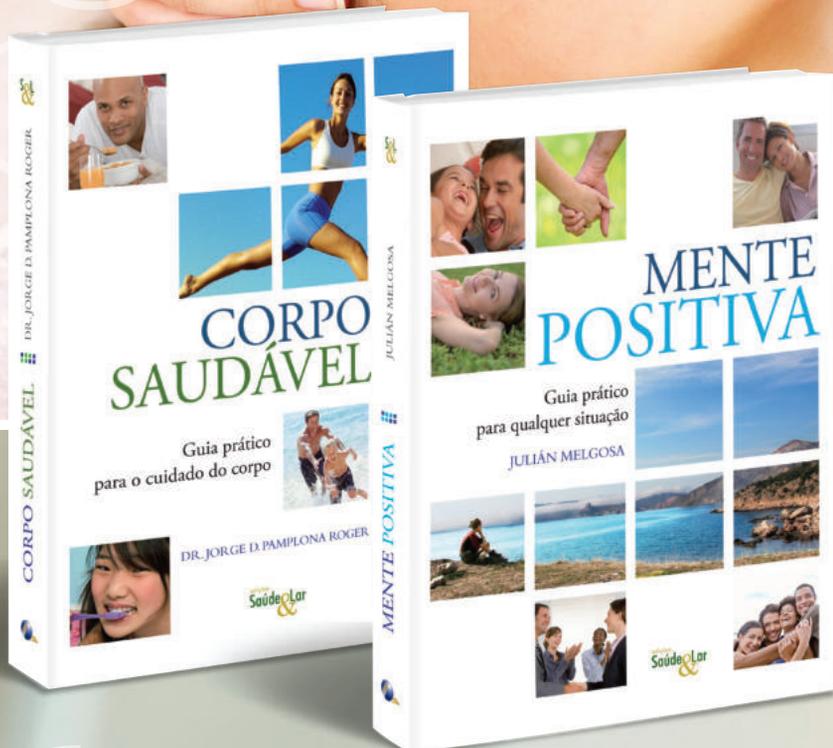
· Rachel B. Whitaker,
editora da revista *Guide Magazine*

Bem-estar 

O cuidado
do seu corpo
e a atenção que
a sua mente
merece.

Compre
online!

www.pservir.pt



Coleção Saúde&Lar – Vols. 1 e 2

De forma
simples, prática
e natural.

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
Tel.: 21 962 62 00 / Fax: 21 962 62 01

www.pservir.pt
publicadora@pservir.pt


Publicadora
SERVIR